

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC – *CAMPUS XII*  
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



**SABRINA MARIA DA SILVA NOVAES  
REBECA OLIVEIRA DA SILVA LIMA**



**HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: A ALFABETIZAÇÃO NA  
ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA NA DÉCADA  
DE 1970**

**GUANAMBI-BA  
2025**

SABRINA MARIA DA SILVA NOVAES  
REBECA OLIVEIRA DA SILVA LIMA

**HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: A ALFABETIZAÇÃO NA  
ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA NA DÉCADA  
DE 1970**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – *Campus XII* – como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Joseni Pereira Meira Reis.

**Linha de pesquisa:** História, Memória, Identidade e Cultura Escrita, vinculadas ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE).

**GUANAMBI-BA  
2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.  
Dados fornecidos pelo próprio autor.

N935h

Novaes, Sabrina Maria da Silva

História é o espelho que reflete a memória: a alfabetização na Escola Getúlio Vargas no município de Guanambi-BA na década de 1970 / Sabrina Maria da Silva Novaes, Rebeca Oliveira da Silva Lima. Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Joseni Pereira Meira Reis. Reis. Guanambi, 2025.

80 p : il.

TCC (Graduação - Pedagogia). Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.

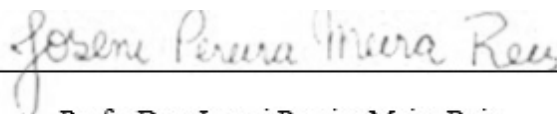
1.Alfabetização. 2.Década de 70. 3.Escola Getúlio Vargas. 4.Memória.  
5.História . I. Lima, Rebeca Oliveira da Silva. II. Reis,Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Joseni Pereira Meira . III. Universidade do Estado da Bahia. Guanambi. IV. Título.

CDD: 372

SABRINA MARIA DA SILVA NOVAES  
REBECA OLIVEIRA DA SILVA LIMA

**HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: A  
ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE  
GUANAMBI-BA NA DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – *Campus XII* – como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia; pertencente à linha de pesquisa: História, Memória, Identidade e Cultura Escrita, vinculadas ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE); avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



---

Prof. Dra. Joseni Pereira Meira Reis.  
(Orientadora – UNEB/*Campus XII*)

Giane Araújo Pimentel Carneiro

Assinado de forma digital por Giane  
Araújo Pimentel Carneiro  
Dados: 2025.08.14 09:02:15 -03'00'

---

Prof. Dra. Giane Araújo Pimentel Carneiro  
(Membro interno – UNEB/*Campus XII*)



Documento assinado digitalmente

SIRLENE PRATES COSTA TEIXEIRA

Data: 15/08/2025 09:40:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Ma. Sirlene Prates Costa Teixeira  
(Membro interno- UNEB/ *Campus XII*)

Aprovada em, 22 de julho de 2025.

Dedicamos, primeiramente, a Deus, por nos conceder força, sabedoria e perseverança ao longo dessa caminhada; aos nossos familiares, pelo amor, incentivo e por sempre acreditarem em nosso potencial; aos nossos esposos, pelo companheirismo, paciência e apoio incondicional em todos os momentos; e a todos os professores e professoras que, com dedicação e compromisso, contribuíram para a construção dos nossos conhecimentos ao longo dessa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter cumprido em minha vida uma grande promessa. Este era um sonho antigo, algo que eu carregava no coração há muito tempo, mesmo sem saber quando se realizaria. *“Aos que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.”* (Salmos 126:5-6). Hoje, ao chegar até aqui, reconheço que foi o Senhor quem me fortaleceu, sustentou e deu ânimo para permanecer firme, mesmo diante das dificuldades e dos inúmeros desafios enfrentados ao longo do caminho. Em todos os momentos, senti o cuidado e o amparo de suas mãos.

Com o coração cheio de gratidão, volto meu olhar para quem esteve comigo desde o início desta caminhada: minha mãe, Maria Isabel, minha maior incentivadora. Mesmo sem ter tido acesso à escolarização e com poucos recursos, ela sempre acreditou em mim. Dizia: “Estuda, porque o estudo é o melhor caminho para um futuro melhor. Eu confio em você, você vai conseguir.” E, com o coração cheio de gratidão, hoje posso dizer: “Mãe, eu consegui!” Essa vitória também é sua. A sua mão esteve comigo em tudo; talvez você não soubesse me ajudar a escrever um trabalho, a estruturar um artigo ou a apresentar um seminário, mas soube pedir com fé para que tudo desse certo. Obrigada, mãe.

Ao meu esposo, Lucas, deixo meu agradecimento especial. Foram muitas as noites em claro, e você sempre esteve ao meu lado, me apoiando com amor, compreensão e presença. Esteve comigo em cada etapa, facilitando meus caminhos para que eu pudesse estudar e seguir adiante. Sua parceria foi essencial.

Agradeço, com carinho e admiração, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joseni, por sua sensibilidade, escuta atenta e compromisso com nosso trabalho. Sua orientação foi essencial; Sem ela, não teria chegado até aqui. Mais do que orientadora e professora, você foi a grande incentivadora deste percurso. Às professoras da banca avaliadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giane Araújo Pimentel Carneiro e Prof.<sup>a</sup> Ma. Sirlene Prates Costa Teixeira, minha sincera gratidão pela leitura cuidadosa, pelas contribuições valiosas e por tornarem possível a concretização deste sonho.

Agradeço também aos professores das disciplinas de TCC I e TCC II, Prof. Dr. Josias e Prof. Dr. José Alves, que contribuíram com orientações fundamentais na ampliação deste trabalho.

Ao diretor da Escola Getúlio Vargas, que gentilmente abriu as portas da instituição para o desenvolvimento da nossa pesquisa, meu muito obrigada. Estendo também minha gratidão às

professoras e aos demais colaboradores da escola, que nos acolheram com respeito e disponibilidade ao longo dessa caminhada.

Sou grata ainda pelas oportunidades que tive durante minha trajetória universitária, as quais foram fundamentais para minha formação como futura professora. Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia, por ter me proporcionado a participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), uma experiência maravilhosa que me permitiu observar de perto o processo de alfabetização e vivenciar a prática pedagógica. Agradeço também à Prof.<sup>a</sup> Ma. Sirlene, que abriu as portas para minha participação no Projeto Acolher: Escuta e Apoio Psicopedagógico, outro momento essencial que me fez apaixonar ainda mais pelo processo de alfabetização e pelas relações humanas que atravessam o ato de educar.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram. Essa vitória não é só minha. É de todos que sonharam, caminharam e lutaram comigo.

*A educação é ato de valentia;  
quem é covarde não educa, silencia.  
Silencia a alfabetização, sufoca a educação,  
prende a história e limita a memória.  
Mas somos valentes, e vamos gritar:  
a memória fortalece a história, amplia a trajetória,  
engrandece a educação  
e abre grandes portas para a alfabetização.*

**Rebeca Oliveira da Silva Lima**

## AGRADECIMENTOS

*“Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem”* (Salmos 139:14)

Agradeço a Deus por sua bondade e misericórdia para comigo, pela saúde, pela força e pelo ânimo durante as idas e vindas entre as cidades de Iuiu-BA e Guanambi-BA em todos os dias de aula.

Durante esse percurso, muitas pessoas foram fundamentais e sou grata a cada uma delas. Agradeço, em especial, àqueles que estiveram ao meu lado, incentivando-me nessa caminhada.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joseni, expresso minha profunda gratidão pelo carinho, pela escuta atenciosa, pela dedicação e pela oportunidade de ter sido bolsista de Iniciação Científica (IC). Tenho muito a agradecer por essa vivência tão significativa.

Agradeço aos professores das disciplinas de TCC I e TCC II, Prof. Dr. Josias Benevides e Prof. Dr. José Alves. A contribuição de ambos foi fundamental para a construção deste trabalho.

Recordo com carinho o período em que fui bolsista de Iniciação à Docência (ID), no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Oliveira e à professora supervisora da escola, Ma. Magna Melo. Observar a alfabetização com o olhar que tenho hoje não seria possível sem o PIBID e sem os momentos de aprendizado e troca com vocês.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dra. Rayana Ladeia e à Prof.<sup>a</sup> Ma. Solange Montalvão pelo acompanhamento durante o período em que atuei como bolsista no projeto de extensão “Leitura e Escrita de Gêneros Acadêmicos”. Ressalto a importância dessa vivência para compreender, na prática, o papel da extensão universitária e sua articulação com o tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Agradeço às instituições que concederam bolsas, fundamentais para o desenvolvimento desta e de outras pesquisas: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o CNPq.

À minha família, especialmente à minha mãe, Maria, que mesmo sem ter tido acesso ao processo de escolarização, sempre me ensinou que a educação é o caminho. À minha avó, Maria Rodrigues (*in memoriam*), que partiu durante este percurso, em 2022, ambas são as ‘Marias’ que inspiram a minha vida.

Ao meu primo Fagner e à sua esposa Raíssa, que tanto incentivaram-me e acolheram, ainda na época do cursinho para ingressar na universidade, minha gratidão.

Ao meu esposo, Elias, que me ajudou de tantas formas: com palavras de incentivo, com apoio nos momentos em que o transporte faltava, pois nunca mediu esforços para levar-me até a cidade de Guanambi, pela compreensão diante das minhas ausências, impaciência, estresse e cansaço. Ele entendeu que, apesar das dificuldades, aqueles eram dias felizes, pois era o lugar que sempre quis estar (na universidade pública). Muito obrigada por tudo.

Agradeço a todos os professores(as), técnicos(as), bibliotecários(as), secretários(as) e demais funcionários(as) do *Campus XII* da UNEB, pelo apoio durante toda a minha formação.

Às professoras da banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giane Pimentel e Prof.<sup>a</sup> Ma. Sirlene Prates, agradeço por aceitarem o convite para participar deste momento tão importante.

Às amigas construídas durante esses anos, Dailma pelas longas conversas no *WhatsApp* dizendo uma à outra que tudo daria certo e às colegas da Iniciação Científica (Betânia, Silvana e Tamara).

Em especial à Rebeca, minha parceira de jornada, que teve muita paciência comigo, compreendendo meu jeito exigente e, por vezes, autoritário, diante das decisões a tomar.

Às professoras colaboradoras da pesquisa, minha sincera gratidão, sem vocês, este trabalho não teria sido possível. Obrigada pela disponibilidade, pelas entrevistas concedidas.

À Escola Getúlio Vargas, e ao diretor escolar, pelo acolhimento e pelo tempo disponibilizado. Agradeço ainda ao senhor José Carlos (Latinha), pela generosidade em ceder materiais de seu arquivo pessoal sobre a escola.

Enfim, agradeço a todos e todas que, de alguma forma, colaboraram com esta caminhada. Este trabalho é fruto de um processo laborioso, como se fosse um grande quebra-cabeça, montado peça por peça, o qual não seria possível sem a ajuda das pessoas aqui citadas. Em tudo, o meu muito obrigada e meus sinceros agradecimentos!

**Sabrina Maria da Silva Novaes**



## **Memória, História e Educação**

**A história é o espelho que reflete a memória,  
Levando nas andanças do tempo sua trajetória.  
Forte como ela é.**

**A memória e a história devem permanecer de pé.  
Brotando saberes a outras gerações.  
Em cada lembrança uma expressão.  
Tantas marcas de muita dedicação.  
Iniciam a história da alfabetização.  
Zanzando em fotos e documentação.  
As mulheres ensinam com dedicação.  
Realçadas de determinação contar-nos como era a alfabetização.**

(Rebeca Oliveira da Silva Lima, 2025)

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas, no município de Guanambi-BA, na década de 1970. Trata-se de uma pesquisa histórica na área da educação, que investiga a história da alfabetização a partir de um recorte local. A abordagem adotada é qualitativa, sendo utilizados, para a coleta de dados, documentos do acervo escolar, como ata de inauguração, diários de classe e fotografias, bem como entrevistas com professoras alfabetizadoras que atuaram nesse período. A pesquisa buscou, de forma geral, discutir o cenário educacional da alfabetização no Brasil na década de 1970; conhecer os modos de alfabetização e as práticas educativas que aconteciam na escola; e identificar os recursos e materiais utilizados no processo de alfabetização por meio das entrevistas com as professoras. O estudo articula memória e história para compreender os modos de alfabetizar. Os resultados demonstram que a prática alfabetizadora na década de 1970 era marcada pelo uso de métodos tradicionais, conteúdos cívicos e morais, e recursos como cartilhas e mimeógrafos. Além disso, revelam o protagonismo das professoras na busca por formação e por estratégias para lidar com os desafios de ensinar a ler e escrever. Por fim, a pesquisa destaca a importância da valorização das memórias locais e das experiências docentes na construção da historiografia da educação brasileira.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Década de 70; Escola Getúlio Vargas; Memória; História.

## ABSTRACT

This monograph analyzes the historical process of literacy instruction at Getúlio Vargas School in Guanambi, Bahia, in the 1970s. This is historical research in the field of education, investigating the history of literacy instruction from a local perspective. The approach adopted is qualitative, using documents from the school's archives, such as inauguration minutes, class diaries, and photographs, as well as interviews with literacy teachers who worked during this period. The research sought, in general, to discuss the educational landscape of literacy instruction in Brazil in the 1970s; to understand the methods of literacy instruction and educational practices that took place at the school; and to identify the resources and materials used in the literacy process through interviews with the teachers. The study combines memory and history to understand the methods of literacy instruction. The results demonstrate that literacy teaching practices in the 1970s were characterized by the use of traditional methods, civic and moral content, and resources such as primers and mimeograph machines. Furthermore, they reveal the leading role of teachers in seeking training and strategies to address the challenges of teaching reading and writing. Finally, the research highlights the importance of valuing local memories and teaching experiences in constructing the historiography of Brazilian education.

**Keywords:** Literacy; 1970s; Getúlio Vargas School; Memory; History.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização do município de Guanambi–BA .....	24
<b>Figura 2</b> – Construção da instituição datada em 1936.....	26
<b>Figura 3</b> – Ata de inauguração Escola Getúlio Vargas .....	26
<b>Figura 4</b> – Fachada da instituição no período pesquisado e nos dias atuais.....	28
<b>Figura 5</b> – Registro de como o material está organizado Imagem (c) tabela organizada pelas autoras Imagem (d).....	29
<b>Figura 6</b> – Apresentação da história da educação brasileira.....	41
<b>Figura 7</b> – Certificado do Projeto Rondon .....	45
<b>Figura 8</b> – Diário da Professora, ano 1975 .....	47
<b>Figura 9</b> – Diário da Professora, ano 1977 (1) .....	51
<b>Figura 10</b> – Diário da Professora, ano 1977 (2) .....	51
<b>Figura 11</b> – Diário da Professora, ano 1979 .....	53
<b>Figura 12</b> – Diário da Professora, ano 1979 .....	54
<b>Figura 13</b> – Capa da Cartilha do Povo.....	59
<b>Figura 14</b> – Terceira Lição. ....	60
<b>Figura 15</b> – Quarta Lição. Cartilha do Povo, 1949, p. 6.....	60
<b>Figura 16</b> – Primeira Lição (vogais). Cartilha do Povo, 1949, p. 3 .....	60
<b>Figura 17</b> – Mimeógrafo.....	63

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Levantamento de teses, dissertações e artigos no <i>Google Acadêmico</i> / Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) .....	18
<b>Quadro 2</b> – Perfil das participantes da pesquisa.....	31
<b>Quadro 3</b> – Momentos históricos da alfabetização .....	38
<b>Quadro 4</b> – Recorte da entrevista sobre os materiais .....	58
<b>Quadro 5</b> – Recorte da entrevista sobre o Mimeógrafo .....	62

## LISTA DE SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa.
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DEDC	Departamento de Educação
GT	Grupo de Trabalho
HRG	Hospital Regional de Guanambi
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MUTEC	Museu de tecnologia de Curitiba
NEPE	Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire
NUPEX	Núcleo de Pesquisa e Extensão
PUC Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SEC/BA	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
SESAB	Secretaria da Saúde do Estado da Bahia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

<b>1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS .....</b>	<b>15</b>
1.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	16
<b>2 METODOLOGIA: DESENHANDO O CAMINHO PERCORRIDO .....</b>	<b>22</b>
2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS, COMO FOI CONDUZIDO? .....	22
2.2 O MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA: O ESPAÇO AMPLO DA PESQUISA .....	23
2.3 O ESPAÇO DA PESQUISA: ESCOLA GETÚLIO VARGAS .....	25
2.4 COLABORADORES DA PESQUISA .....	29
2.5 COMO OS DADOS FORAM TRATADOS? .....	32
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>34</b>
3.1 “HISTÓRIA” E “MEMÓRIA”: REFLEXÕES TEÓRICAS.....	34
3.2 ALFABETIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL .....	36
<b>4 PERSPECTIVAS POLÍTICAS E EDUCACIONAIS DO CONTEXTO NACIONAL AO LOCAL: O QUE PENSAR? .....</b>	<b>40</b>
4.1 A FORMAÇÃO DOCENTE DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS .....	43
<b>5 OS FAZERES DAS PROFESSORAS: PRÁTICAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>46</b>
5.1 DE ACORDO COM OS RELATOS DAS PROFESSORAS: COMO ERA A AÇÃO DE ALFABETIZAR NA DÉCADA DE 1970 NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS? .....	48
5.2 DITADO, CÓPIA E FIXAÇÃO: “O PLANEJAMENTO DO FAZER DIREITINHO”	52
<b>6 MATERIAIS DE ENSINO E TECNOLOGIAS DA ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>57</b>
6.1 <i>ERA UM LIVRETOZINHO, MAS ERA UMA BELEZA: A CARTILHA</i> .....	57
6.2 O MIMÉOGRAFO: “ <i>MIMÉOGRAFO ERA ALGO NOVO</i> ” .....	61
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>71</b>
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	71
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	75
APÊNDICE C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	767

## 1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O presente trabalho é uma pesquisa na área da educação que investiga a história da alfabetização a partir de um recorte local. O espaço da pesquisa é a instituição escolar Getúlio Vargas<sup>1</sup>, estabelecida durante os anos de 1930, permanecendo como ponto de referência na história e na memória coletiva da cidade de Guanambi, Bahia. Ao investigar a instituição escolar como *locus* de estudo, entende-se que esta esteve imersa nas transformações políticas e históricas pelas quais o país passou.

Nesse processo, buscamos,<sup>2</sup> através da memória e da história dos envolvidos no processo educativo na década de 1970, o que se revela sobre a alfabetização na instituição pesquisada. Visto que “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 387).

Dessa forma, foi no contato inicial com a instituição e com o acervo que se delimitou o recorte temporal na década de 1970, considerando que as fontes documentais sobre o processo de alfabetização na escola, especialmente os diários de classe, apenas foram localizadas nessa década. Assim, com as fontes primárias, como diários de classe e documentos pedagógicos disponíveis no acervo escolar, ancoradas na literatura, foi possível analisar e discutir o processo de alfabetização.

Com isso, a questão-problema do estudo é: como se deu o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas no município de Guanambi–BA, na década de 1970, e o que as fontes e a memória dos sujeitos envolvidos nesse processo revelam sobre a alfabetização? Visando responder à questão, o objetivo geral é analisar o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas no município de Guanambi–BA, na década de 1970, e o que as fontes e a memória dos sujeitos envolvidos nesse processo revelam sobre a alfabetização.

---

<sup>1</sup> De acordo o site <https://escolagetuliovargasgbi.blogspot.com/>. A Escola Municipal Getúlio Vargas, escola primária de Guanambi. Foi inaugurada em 10 de novembro de 1938 pelo intendente José Ferreira Costa, sendo a primeira Escola Estadual de Guanambi-BA. A Escola foi Municipalizada através do convênio 270/2006, firmado entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Guanambi em 17/04/2009.

<sup>2</sup> Justificamos o uso da primeira pessoa do plural ao longo do texto em razão de a pesquisa ter sido desenvolvida por duas autoras. A escolha pelo uso do “nós” está associada à vivência compartilhada no processo investigativo, e da participação das pesquisadoras na construção da análise. Entendemos que nossa escrita, embora mantenha o rigor acadêmico, não é isenta de posicionamento, visto que o nosso contexto social e formativo, em certa medida, influencia tanto a interpretação dos dados quanto a organização textual.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: discutir o cenário educacional da alfabetização no Brasil na década de 1970; conhecer os modos de alfabetização e as práticas educativas que aconteciam na Escola; identificar os recursos e os materiais utilizados no processo de alfabetização por meio das entrevistas com as professoras.

Esta pesquisa é justificada pela relevância nos campos pessoal, social e acadêmico. No campo pessoal, a forma como fomos alfabetizadas exerceu influências significativas. As experiências individuais nos processos de alfabetização e como elas continuam a influenciar a vida universitária, nos levaram a essa escolha. Além disso, ao cursarmos a disciplina Fundamentos Teórico-Práticos do Ensino de História, no 6º semestre da graduação, fez com que aproximássemos da área, o que reforçou a importância de sua integração com a Pedagogia.

No que tange ao campo social, compreende-se que a Escola Getúlio Vargas estabelece uma relação com a comunidade local, aspectos evidenciados principalmente na tese de Alves (2019), em que a autora afirma que a escola é um marco na memória e na história da cidade. Além disso, reconhecer isso é prestar uma homenagem à instituição que, por quase 90 anos, contribuiu e contribui com a formação de inúmeras gerações de estudantes.

Já do ponto de vista acadêmico, este estudo se justifica pela lacuna existente na produção científica do *Campus XII* no que se refere à articulação entre alfabetização e história local, o que confere originalidade à proposta e aponta para sua relevância como fonte de novos questionamentos teóricos. Assim sendo, este trabalho colabora para o fortalecimento da historiografia educacional brasileira, sobretudo ao valorizar experiências locais que, por vezes, não são retratadas pelas grandes narrativas históricas.

A seguir, este trabalho se organiza da seguinte forma: após esta introdução, é abordado o levantamento bibliográfico. No subtópico 2, a metodologia; seguindo o referencial teórico; resultados e discussão (construídos a partir dos dados); considerações finais, retomando os principais achados da pesquisa e os possíveis desdobramentos para estudos futuros. Ao final do trabalho, encontram-se as referências bibliográficas utilizadas, bem como os apêndices e anexos que complementam a pesquisa.

## 1.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O objetivo desta seção é mapear e analisar as produções científicas publicadas nos últimos dez anos que dialogam com a temática em questão. O levantamento das produções do que já se tem realizado “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo

assunto, visto que propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 183).

Assim, o levantamento bibliográfico foi realizado por meio de uma busca online nas plataformas de socialização de trabalhos acadêmicos e científicos, em bases de dados que asseguram a confiabilidade das informações. Entre os vários repositórios de pesquisas, optamos por consultar três bancos de dados: *Google Acadêmico*<sup>3</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>4</sup> e a Biblioteca Digital do Departamento de Educação – DEDC XII/UNEB<sup>5</sup>. A escolha é plausível por entendermos que essas plataformas possuem ampla circulação e oferecem um panorama das produções acadêmicas relacionadas à temática, como teses, dissertações, artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Para o levantamento no *Google Acadêmico*, foram utilizados os descritores “Memória”, “Alfabetização”, “História da alfabetização”, “Instituição escolar” e “Escola Getúlio Vargas”. Foi encontrado um volume considerável de trabalhos. Dada a inviabilidade da leitura de todos os materiais, foi necessária a inserção das demarcações: idioma (língua portuguesa), tipos de recursos, delimitação do tema, área de estudo e o uso do operador booleano “and”, o que diminuiu significativamente o número de pesquisas.

Na busca realizada no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foi encontrada quantidade de trabalhos utilizando as mesmas palavras-chave. Ao adotar os mesmos critérios de refinamento, foi possível reduzir essa quantidade. No entanto, devido ainda à quantidade significativa, ao se debruçar sobre uma longa leitura dos trabalhos, identificamos que muitos dos trabalhos encontrados não se correlacionam, nem informam sobre a temática proposta, segundo os objetivos da pesquisa.

Utilizamos o último banco de dados previamente delimitado, a Biblioteca da Universidade SISB/UNEB, acessada por meio do vínculo institucional como pesquisadora e estudante do curso de Pedagogia do *Campus XII*. Buscamos identificar os possíveis TCCs produzidos anteriormente. Ao acessá-la, utilizamos os mesmos descritores e recorte temporal dos dois últimos bancos de dados consultados. Observamos, contudo, que não havia nenhum trabalho que se assemelhasse à temática proposta.

---

<sup>3</sup> O *Google Scholar* — *Google Acadêmico* ou Acadêmico em português — é um mecanismo virtual de pesquisa livremente acessível que organiza e lista textos completos ou metadados da literatura acadêmica em uma extensa variedade de formatos de publicação. <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

<sup>4</sup> Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

<sup>5</sup> O DEDC/*Campus XII* dispõe de uma Biblioteca Setorial vinculada tecnicamente ao Sistema de Bibliotecas – SISB/UNEB, e administrativamente a direção do *Campus*, e tem por finalidade prover infraestrutura bibliográfica. Disponível: <http://www.campusxii.uneb.br/biblioteca>

A partir desta constatação inicial, seguimos para a análise dos trabalhos encontrados, com base nos títulos e resumos. Após a filtragem dos trabalhos encontrados, foram selecionados aqueles que possuíam uma temática ou uma abordagem metodológica que se aproximavam da nossa proposta da pesquisa, considerados de relevância significativa, os quais estão descritos no Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1** – Levantamento de teses, dissertações e artigos no *Google Acadêmico*/Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

AUTOR(A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO/ANO PLATAFORMA
MORTATTI, Maria do Rosário Longo	A ABALF na história da alfabetização no Brasil: Um desafio para o século XXI	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Artigo/2015 <i>Google Acadêmico</i>
Décio Gatti Júnior; Giseli Cristina do Vale Gatti	A História das Instituições escolares em revista: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)	Artigo/2016 <i>Google Acadêmico</i>
Lorita Helena Campanholo Bordignon; Marilane Maria Wolff Paim	Alfabetização no Brasil: Um pouco de história	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Artigo/2017 <i>Google Acadêmico</i>
Sônia Maria dos Santos; Juliano Guerra Rocha	História da alfabetização e suas fontes	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Ebook/2020 <i>Google Acadêmico</i>
Ademir Valdir dos Santos; Ariclé Vechia	As escolas que construímos: A história de instituições escolares na revista brasileira de história da educação	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Artigo/2019 <i>Google Acadêmico</i>
Magna Melo Viana; Glauber Barros Alves Costa	Trajetórias de alfabetização e letramento: histórias de outras histórias	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	Artigo/2023 <i>Google Acadêmico</i>
Tatiane Malheiro Alves	Escola Getúlio Vargas em Guanambi: quadro social de referências da memória e da linguagem política.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)	Tese/2019 (BDTD)

Marizete Marques da Silva	Histórias singulares de alfabetizadoras mineiras 1915 a 1971.	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Dissertação/2023 (BDTD)
---------------------------	---	--	-------------------------

Fonte: Google Acadêmico e (BDTD), 2025.

Dentre os trabalhos selecionados, foi possível identificar algumas semelhanças. Tornou-se visível que parte considerável das pesquisas compartilha das mesmas fundamentações teóricas, ou seja, utilizam autores que são referência no campo para embasarem suas discussões. Entre eles, os autores mais citados foram, Antonio Viñao Frago, Paulo Freire, Dermeval Saviani e Magda Soares. Assim, é possível afirmarmos que as obras dos autores supracitados são frequentemente referenciadas.

A seguir, são apresentadas cada uma das obras selecionadas individualmente, destacando seus objetivos, recortes metodológicos e contribuições. O artigo *A ABALF na história da alfabetização no Brasil: um desafio para o século XXI*, de Mortatti (2015) tem como objetivo contribuir para o registro da memória da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf) e para a escrita de sua história. A autora apresenta informações e reflexões sobre a associação. Como resultado, destaca-se a importância de se ter um espaço específico para pensar, discutir e propor melhorias no processo de alfabetização, já que, mesmo com muitos esforços e lutas ao longo do tempo, ainda existem muitos problemas nessa área. Defende-se que esse espaço é fundamental para promover avanços reais e duradouros na alfabetização.

No artigo intitulado *A História das Instituições Escolares em Revista: Fundamentos Conceituais, Historiografia e Aspectos da Investigação Recente*, Gatti Júnior e Gatti (2015) discutem a história da educação, refletindo a cronologia das instituições escolares. Tiveram como objetivo compreender o processo histórico que levou à emergência e à construção das instituições escolares no contexto da modernidade, mostrando a relevância das investigações historiográficas sobre essas instituições no Brasil e apresentando mudanças, como inovações teóricas e metodológicas recentes no campo. Desse modo, destacam que, embora não seja um assunto novo, a História das Instituições Escolares tem se transformado com o tempo, exigindo melhor formação teórica dos pesquisadores e maior esforço na preservação e organização das fontes, o que constitui um desafio importante diante das limitações do cenário escolar atual.

O artigo de Bordignon e Paim (2017), intitulado *Alfabetização no Brasil: um pouco de história*, investiga a trajetória da alfabetização e do letramento no Brasil a partir do século XX. As autoras analisam as transformações nos conceitos e nas práticas pedagógicas relacionadas

ao ensino da linguagem escrita, dialogando com as autoras Soares, Mortatti, entre outros. Além disso, o artigo traz a importância de compreender a alfabetização e o letramento como processos diferentes, porém conectados, que devem ser trabalhados em conjunto nas práticas escolares. Concluem que, para a formação de sujeitos críticos e autônomos, é essencial que a alfabetização ultrapasse a simples decodificação de símbolos, incorporando o uso social da leitura e da escrita, ou seja, não é necessário apenas ler, mas compreender o que é lido.

O artigo de Santos e Vechia (2019), intitulado *As escolas que construímos: A história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação*, analisa os textos publicados na referida revista entre os anos de 2001 e 2018, com o objetivo de entender como as escolas foram estudadas ao longo do tempo. Os autores separaram os artigos em diferentes categorias por meio da análise de conteúdo, como o espaço onde a escola está, o tempo em que existiu, os conteúdos ensinados, as pessoas envolvidas, a política e os métodos usados. Os resultados indicam que a historiografia em História de Instituições Escolares, publicada na revista, revela uma escrita crítica e inovadora, trazendo à luz a diversidade das escolas.

Já a obra *História da alfabetização e suas fontes*, organizada por Santos e Rocha (2018), faz uma investigação sobre como diferentes tipos de fontes, como cartilhas, livros de leitura, documentos oficiais, iconografias e relatos orais, contribuem para a construção da historiografia da alfabetização no Brasil. A proposta visa ampliar o entendimento das práticas, discursos e políticas que moldaram os modos de ensinar a ler e escrever ao longo do tempo. Com isso, os organizadores destacam que compreender a alfabetização sob uma perspectiva histórica é essencial para refletir criticamente sobre as práticas atuais, reforçando que a alfabetização é um processo profundamente político, atravessado por disputas de sentidos, e que sua história deve ser contada a partir de múltiplas vozes, vivências e experiências.

O artigo intitulado *Trajetórias de alfabetização e letramento: histórias de outras histórias*, escrito por Viana e Costa (2023), objetiva relatar a história da alfabetização e do letramento no Brasil, resumindo as principais discussões a partir de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como Silva, Saviani, Mortatti, Soares, entre outros. Os autores informam que os desafios históricos da alfabetização no país estiveram frequentemente ligados a disputas metodológicas, ignorando fatores sociais, econômicos e estruturais que afetam o processo educativo. Discutem que a superação desses desafios exige uma abordagem integrada, que considere não apenas os métodos de ensino, mas também a formação docente, as condições de trabalho e as desigualdades sociais, promovendo uma alfabetização que vá além da decodificação mecânica e esteja alinhada às práticas sociais de leitura e escrita.

A dissertação de Silva (2023), intitulada *Histórias singulares de alfabetizadoras mineiras 1915 a 1971* insere-se na linha da história e tem como objetivo investigar as histórias singulares das alfabetizadoras que atuaram nos grupos escolares no interior de Minas Gerais, de 1915 a 1971. A abordagem adotada foi a história cultural. Essa tese dialogou com o projeto de pesquisa em questão na perspectiva metodológica utilizada pela autora no processo de investigação do processo de alfabetização, bem como na forma de abordar as entrevistadas, que foram as ex-professoras alfabetizadoras.

Outro trabalho foi a tese de Alves (2019), intitulada *Escola Getúlio Vargas em Guanambi: quadro social de referências da memória e da linguagem política*. A pesquisadora destaca em sua tese o entendimento da processualidade temporal que a linguagem percorre como recurso de referência para a memória e para as políticas de escolarização. Ela se apoia dialogicamente na memória social construída na instituição e na sociedade local, e principalmente na memória individual e coletiva de professores/as e ex-alunos/as. Seu objetivo foi perscrutar os mecanismos linguísticos de produção e apropriação dos discursos ideológicos usados para construir uma memória social, coletiva e positiva do nacionalismo, como marco social de referência à Escola Getúlio Vargas.

A partir do trabalho de Alves (2019), foi possível pontuarmos algumas reflexões e delimitar o objetivo da nossa pesquisa. A autora destaca: “recorrer à Escola Getúlio Vargas não foi uma decisão fortuita, mas, sobretudo, deu-se por considerar que sua sobrevivência histórica ao longo de quase oito décadas oferece-nos condições para o estudo da memória ao longo do tempo.” (Alves, 2019, p. 14). Na leitura, observou-se, ao final, alguns anexos de imagens de diários de classe, que remetem às cartilhas, o que levou à indagação: como ocorreu o processo de alfabetização na instituição? Qual era a concepção de alfabetização utilizada pelas professoras<sup>6</sup>? Questões essas que surgiram com base na tese citada e que servirão para a fundamentação da pesquisa. Assim, afirmamos que a leitura da tese nos serviu de referência e orientou os caminhos a serem trilhados.

---

<sup>6</sup> Utilizamos o termo “professoras” para nos referirmos às entrevistadas, mesmo estando elas atualmente aposentadas, o que caracterizaria como ex-professoras, no entanto, compreendermos que a identidade docente transcende a atividade em exercício. Embora estejam formalmente fora da sala de aula, suas trajetórias, saberes e experiências continuam a constituir-las como professoras, sendo está uma forma de reconhecimento de sua contribuição histórica à educação.

## 2 METODOLOGIA: DESENHANDO O CAMINHO PERCORRIDO

Nesta seção, são apresentados os métodos e as técnicas empregadas para o desenvolvimento da pesquisa, contemplando a caracterização do lócus, a definição dos sujeitos participantes, os procedimentos de levantamento e da análise do material investigado (tais como diários de classe e entrevistas), bem como os cuidados éticos adotados. Assim, propomos, de fato, desenhar o caminho percorrido, de modo a conferir transparência na condução do estudo.

### 2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS, COMO FOI CONDUZIDO?

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, a qual, conforme Bogdan e Biklen (1994), compreende um conjunto de estratégias investigativas que compartilham determinadas características comuns. Essa abordagem permite uma análise aprofundada das experiências e perspectivas dos participantes, situadas em um contexto histórico específico. Assim, este estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, como descrito por Marconi e Lakatos (2017, p. 202-203): “a pesquisa de campo é que se utiliza com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, [...] com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles”.

No processo de pesquisa de campo, foi utilizado o método de procedimento histórico para investigar o processo de alfabetização na Escola Getúlio Vargas, que consiste em “[...] investigar acontecimentos processos e instituições do passado [...]” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 91). Foram tomadas como fonte as documentações disponíveis no acervo escolar da instituição, a fim de compreender o desenvolvimento desse processo na década de 1970.

A análise histórica permitiu rememorar as experiências passadas e fortaleceu o entendimento do processo histórico da escola. Sobre a relação entre os documentos e o pesquisador, Reis (2010, p. 19) afirma que “[...] é marcada pela intencionalidade. De certo modo, o pesquisador reelabora-o quando separa o que é significativo para a sua pesquisa, suprimindo dados, recortando da documentação o que lhe interessa segundo seu objeto de estudo”.

Dessa forma, a pesquisa foi estruturada em três momentos, tendo como base metodológica a obra *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (1994), organizada por Maria Cecília de Souza Minayo. A referida obra é composta por quatro capítulos, entre os quais

se destacam as orientações sobre a condução de pesquisas qualitativas, o trabalho de campo, bem como os procedimentos para a análise dos dados.

Assim, o primeiro momento da investigação correspondeu à realização de leituras e à definição dos conceitos fundamentais e das bases teóricas que sustentam o estudo, incluindo o levantamento bibliográfico apresentado na introdução deste.

O segundo momento referiu-se ao trabalho de campo, com o mapeamento das ex-professoras por meio do levantamento nos diários de classe da década, após a devida autorização da direção escolar. Essa busca inicial por participantes da comunidade escolar na década de 1970 teve como objetivo a geração de dados. Desse modo, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas<sup>7</sup> com os(as) ex-professores(as), fundamentadas na abordagem descrita por Gil (2006, p. 117), ao afirmar que: “a entrevista é uma técnica no qual o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obter os dados que interessem à investigação”. Por fim, o terceiro momento correspondeu à organização e à análise dos dados coletados.

Dessa forma, continuamos no percurso investigativo com o objetivo de contextualizar o espaço no qual a pesquisa se desenvolveu. No subtópico seguinte, apresentamos uma caracterização do município onde o presente estudo foi realizado.

## 2.2 O MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA: O ESPAÇO AMPLO DA PESQUISA

A cidade de Guanambi, localizada no estado da Bahia, encontra-se a 796 km de distância da capital, Salvador. Na divisão territorial oficial de planejamento das políticas públicas baianas, Guanambi faz parte do Território de Identidade denominado Sertão Produtivo, composto por mais 18 municípios. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), sua população, em 2022, era de 87.817 habitantes, com uma densidade demográfica de 69,02 habitantes por quilômetro quadrado. É interligada à capital pelas rodovias BR-030, BA-262 e BR-324. Limita-se com os seguintes municípios: Norte – Igaporã, Caetité, Matina; Sul – Candiba, Sebastião Laranjeiras; Leste – Pindaí e Caetité; Oeste – Palmas de Monte Alto. Sua localização geográfica é representada no mapa na Figura 1, a seguir.

---

<sup>7</sup> Questionário da entrevista no Apêndice B.

**Figura 1 – Localização do Município de Guanambi-BA**



**Fonte:** Organizado pelas autoras, 2025. Com base na imagem disponível no site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guanambi> e com [https://satellites.pro/Guanambi\\_map.Brazil](https://satellites.pro/Guanambi_map.Brazil).

Em relação aos aspectos históricos e culturais, de acordo com a Secretaria Municipal de Educação (Guanambi, 1996, p. 17), “onde hoje existe a cidade de Guanambi, era a fazenda de Joaquim Dias Guimarães”. Ainda sobre o povoamento da cidade de Guanambi, o mesmo documento informa que teve “[...] início a partir de uma doação de terra feita por seu Joaquim Dias Guimarães<sup>8</sup> ao Santo de devoção do lugar, Santo Antônio, doando parte de sua fazenda para a construção da capela”. Surgindo, assim, a Vila Beija-Flor, um vilarejo pequeno e com casas distantes umas das outras.

Segundo registros orais de antigos moradores, e por meio dos livros de memorialistas da cidade, o nome Vila Beija-Flor se deu a partir de um contexto religioso, por meio de uma festa que era realizada em homenagem a Santo Antônio, que reunia os moradores da vizinhança para participar da ladainha, uma celebração na casa de uma devota do santo. Essa mulher, chamada Bela, tinha uma filha chamada Flor. Ainda de acordo com os relatos, todos ali tinham que beijar o santo, mas a primeira era Bela, e todos gritavam “beija Flor”. De acordo com Teixeira (1991, p. 52), “[...] tal era a importância da súplica para muitos foliões, que como recordação da cena, deram-na ao lugar onde ela ocorria: -Beija-flor”.

<sup>8</sup> Segundo o site <https://ancestors.familysearch.org/> “Joaquim Dias Guimarães nasceu aproximadamente 1806, em Monte Alto, Bahia, Brasil filho de Lourenço Dias Guimarães e Joaquina Maria de Jesus. Ele teve pelo menos 5 filhos e 5 filhas com Clemência Maria da Conceição. Ele faleceu em 18 de agosto de 1890, em sua cidade natal, com 85 anos, e foi sepultado em Monte Alto, Bahia, Brasil”.

Em uma segunda versão, exposta no livro de Teixeira (1991), é destacado que o nome da cidade “Beija-Flor” se relaciona à natureza local. A abundância de flores silvestres na área, graças ao solo úmido próximo ao povoado, atraía muitos colibris, popularmente conhecidos como beija-flores. Assim, seja qual for a verdadeira versão, o que se compreende é que a origem do nome Guanambi deriva do tronco linguístico do Tupi-Guarani, vindo de palavras como “*Guainumbi*”, “*Guanumbi*” e “Guanambi”, todas significando Beija-Flor. Com o passar dos anos, o município se desenvolveu e se consolidou como uma referência regional no sertão baiano.

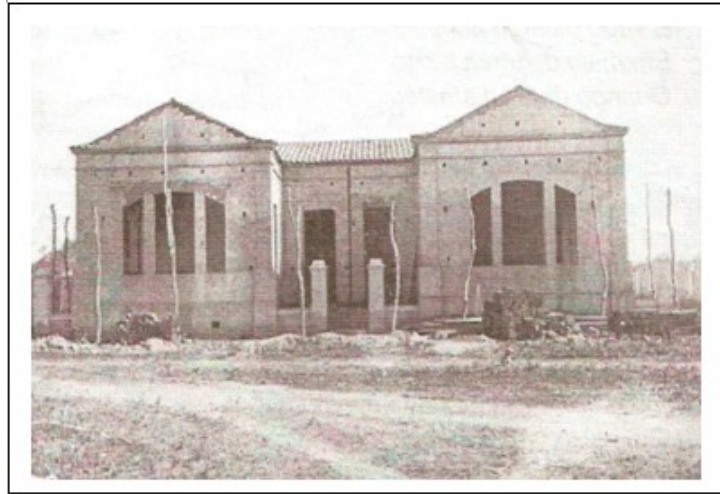
Ainda segundo Teixeira (1991), a partir dos anos 1970, com um aumento populacional significativo nos anos 1980, o município começou a vivenciar uma intensa mudança socioeconômica, que o tornaria um centro regional. A introdução da cultura do algodão fez com que na cidade de Guanambi concentrasse toda a infraestrutura industrial para o processamento do produto, que era produzido em sua grande maioria no município vizinho, Iuiu, gerando uma pluma destinada tanto ao mercado nacional quanto ao mercado internacional. Atualmente, Guanambi destaca-se como um relevante polo regional, concentrando alguns serviços. A economia local é diversificada, com o setor de serviços representando a indústria e a agropecuária.

Na área da saúde, o Hospital Regional de Guanambi (HRG) é referência para 23 municípios da região, oferecendo atendimento em diversas especialidades médicas (Secretaria de Saúde da Bahia, 2023). No âmbito educacional, a rede educacional de Guanambi dispõe de todas as etapas de ensino, desde a Educação Infantil até o universitário, e abriga importantes instituições de ensino, tanto públicas quanto da rede privada.

### 2.3 O ESPAÇO DA PESQUISA: ESCOLA GETÚLIO VARGAS

A Escola Getúlio Vargas representa um marco na história da educação em Guanambi, sendo a primeira instituição estadual implantada na área urbana do município. De acordo com o livro do memorial de Deolinda Pereira Martins, popularmente conhecida como Dona Dedé, a escola foi construída na gestão do prefeito Major Helvécio Rufino de Oliveira Martins, entre 1932 e 1936, localizada estrategicamente no centro da cidade.

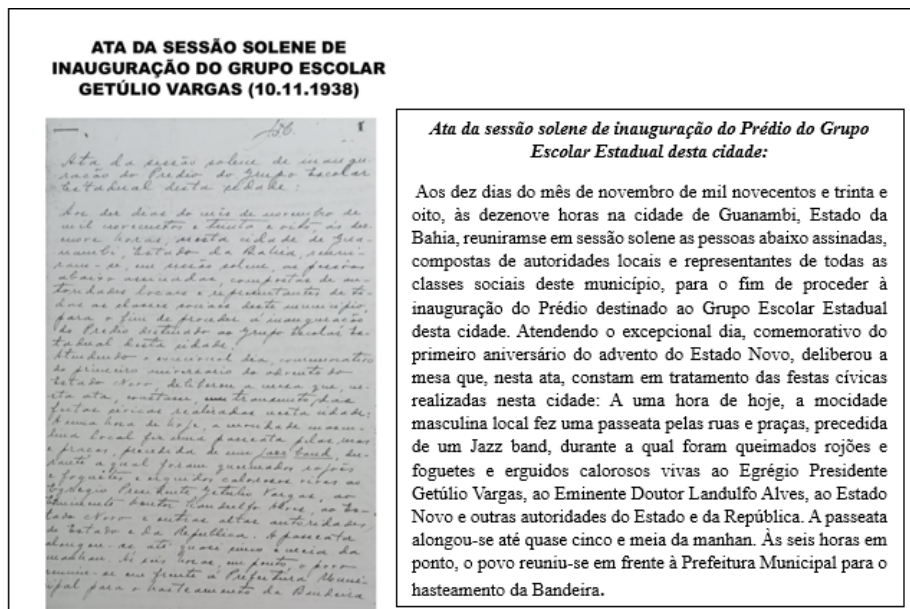
**Figura 2 – Construção da instituição datada em 1936**



Fonte: Imagem do livro “Uma lição de vida” (Memorial Dona Dedé).

Segundo Teixeira (1991), o nome da instituição era Escolas Reunidas Getúlio Vargas, que simbolizava “a junção das escolas Isoladas”<sup>9</sup>, nas quais cada professor, anteriormente, ministrava aulas em salas de aula isoladas, em diversos locais da cidade de Guanambi. Sua inauguração ocorreu em 10 de novembro de 1938, conforme registrado em ata, como mostra a Figura 3.

**Figura 3 – Ata de inauguração Escola Getúlio Vargas**



Fonte: Imagem disponibilizada do acervo pessoal do ex-aluno José Carlos Lélis Costa.

<sup>9</sup> Na história da educação no Brasil, as escolas isoladas colaboraram significativamente no processo de escolarização de crianças e jovens, visto que elas atendiam a uma demanda local. “As escolas que mantinham, na mesma sala, várias séries sob a regência de um só professor eram denominadas escolas isoladas” (Cardoso, 2013, p. 13).

Ainda em relação à denominação da instituição, Alves (2019, p. 13) destaca que ela está diretamente ligada ao contexto histórico e ideológico da época, o “nome da escola, da praça onde a instituição localiza-se, até os documentos que revelam uma eminente exaltação do patriotismo e da figura de Vargas como líder político”. Dessa forma, é notável que a escolha desses nomes revela a exaltação ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas, e ao nome da praça “Bandeira”, aos símbolos nacionais. Os nomes refletem o período do Estado Novo (1937-1945). A inauguração da Escola Getúlio Vargas ocorreu em consonância com os valores cívicos e patrióticos promovidos durante a Era Vargas, período em que Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930 e 1945. Sobre esse contexto, a autora afirma que:

Escola Getúlio Vargas, inaugurada durante o Estado Novo (1937-1945), leva o nome de seu patrono, como uma das ações encarnadas de sua política nacional, que deixou marcas que ressoam até os dias atuais. É um monumento representativo do parque histórico da cidade, é considerado um patrimônio do município e, desde 2008, compõe um projeto de lei que sugere seu tombamento. [...] Foi inaugurada atendendo a um projeto político de Vargas que se propôs a instalar em várias cidades uma escola-padrão que estivesse em consonância com suas propostas ideológicas de cunho nacionalista e cívico (Alves, 2019, p. 69-73).

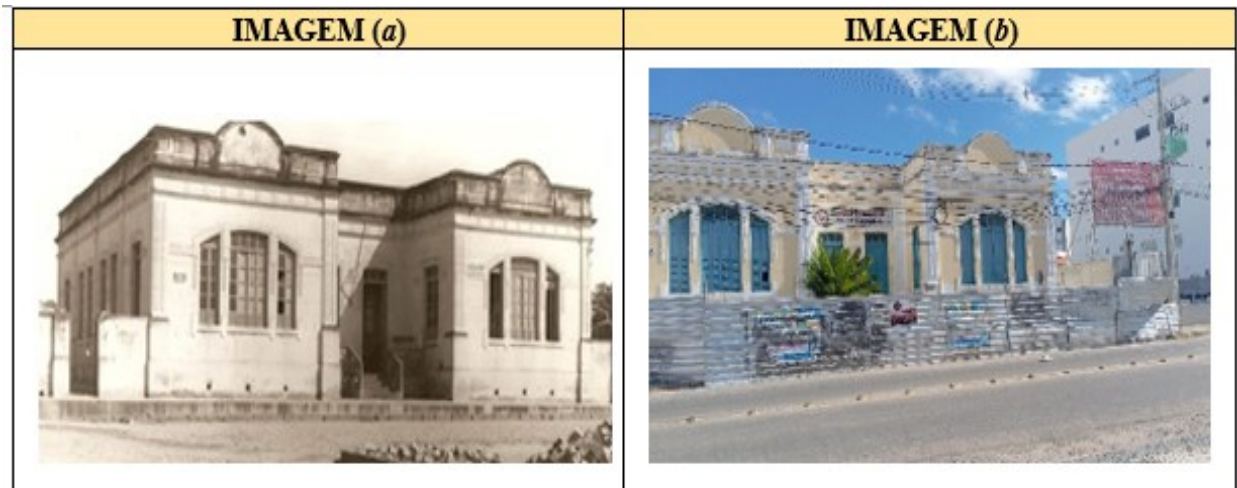
Em diálogo com a citação supracitada, é notório que a estrutura física da Escola Getúlio Vargas representa, para seus ex-alunos, ex-professores e para a comunidade local, um referencial simbólico carregado de significados, capaz de preservar memórias construídas ao longo do tempo. Os documentos históricos e as homenagens registradas ao longo dos anos reforçam a relevância da instituição, remetendo à sua importância no passado e ao papel que desempenhou na formação educacional e social da população guanambiense, conforme ressalta Alves (2019, p. 74).

A escola constitui-se um marco da cidade e, até meados da década de 1970, atende principalmente aos filhos da elite intelectual e econômica da cidade. Atravessa os anos democráticos pós-Estado Novo (1946 a 1960), a ditadura militar (1964 a 1985), portanto é testemunha dos dois períodos ditatoriais - a redemocratização nos anos de 1980, a chamada Nova República - e continua funcionando até os dias atuais. Poderíamos dizer que a escola é uma memória viva das políticas educacionais vigentes nas décadas de 1930 e 1940.

Com isso, é possível observar que a instituição representa significativa memória educacional ao longo das décadas. O espaço físico configura-se como um lugar de memória.

Como pode ser visto, a Figura 4 (a) representa a fachada da escola em 1970, correspondente ao período do estudo. Na imagem, é possível observar as características do estilo arquitetônico da época<sup>10</sup>; já a Figura 4 (b) representa a fachada da instituição nos dias atuais. Vê-se que, apesar de algumas intervenções feitas, a fachada permanece com o estilo original.

**Figura 4** – Fachada da instituição no período pesquisado e nos dias atuais



**Fonte:** Imagem (a) disponibilizada do acervo pessoal do ex-aluno José Carlos Lélis Costa e Imagem (b) acervo pessoal das autoras (2025).

Como é possível ver na Figura 4 (b), o edifício da antiga sede da Escola Getúlio Vargas está passando por reformas. Segundo informações disponibilizadas no site oficial da Prefeitura de Guanambi, desde 2009, a escola foi municipalizada e agora é gerida pela Secretaria Municipal de Educação. Além disso, na gestão do prefeito Nilo Coelho, no ano de 2022, foi realizada a licitação para a construção de uma nova Biblioteca Pública Municipal no local da antiga escola. Em paralelo a essa iniciativa, a comunidade escolar sugeriu a criação de um memorial que homenageie a história da Escola Getúlio Vargas, a ser instalado no mesmo espaço<sup>11</sup>.

Com essas alterações, o nome “Escola Getúlio Vargas” foi transferido para o prédio que anteriormente abrigava a Escola Estadual Idalice Nunes, que foi desativada pelo Governo do Estado. O novo espaço foi reformado para atender às necessidades da nova unidade escolar, assegurando a continuidade das atividades educativas com a mesma identidade institucional.

<sup>10</sup> De acordo Alexandre (2021, p. 2), sobre o estilo da época de 30 e 40, “[...] a estética, que passou a simbolizar o projeto político de modernização do país, com técnicas construtivas avançadas e embelezadas pela arquitetura diferenciada e imponente do Ecletismo”.

<sup>11</sup>C.f.:

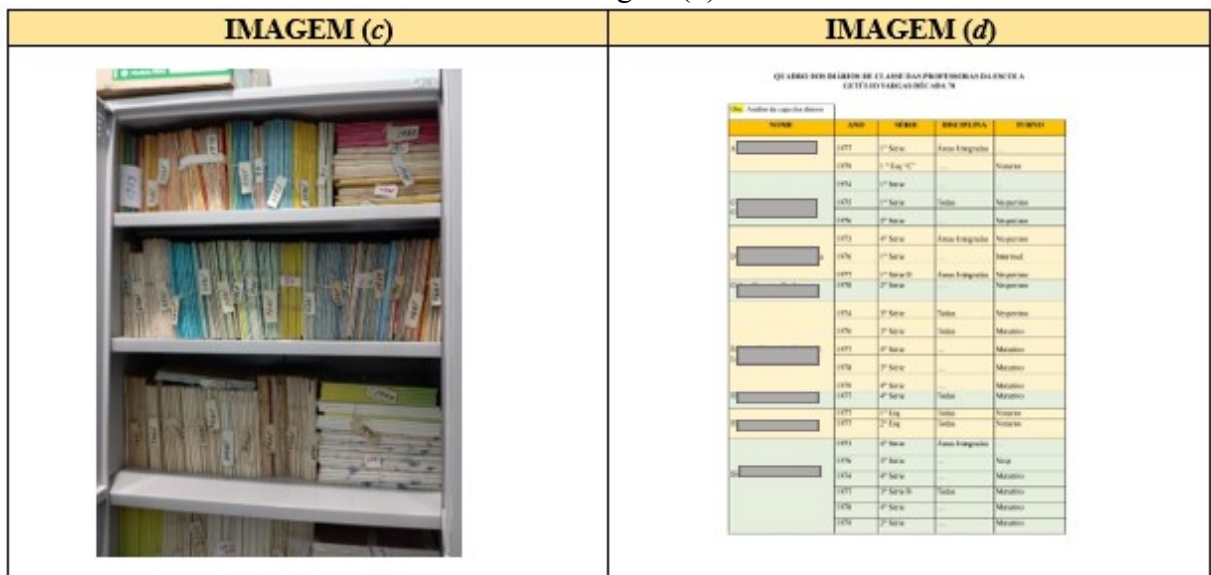
[https://www.guanambi.ba.gov.br/noticias/escola\\_municipal\\_getulio\\_vargas\\_agora\\_funciona\\_no\\_antigo\\_predio\\_da\\_escola\\_idalice\\_nunes-24090](https://www.guanambi.ba.gov.br/noticias/escola_municipal_getulio_vargas_agora_funciona_no_antigo_predio_da_escola_idalice_nunes-24090).

## 2.4 COLABORADORES DA PESQUISA

A escolha e definição dos colaboradores da pesquisa ocorreram a partir das visitas de campo realizadas ao acervo escolar. Com o auxílio do diretor da escola, foi possível ter acesso ao acervo documental da instituição. Durante essas visitas, procedeu-se ao levantamento dos diários escolares da década de 1970. Segundo relato do diretor, parte significativa da documentação foi perdida em decorrência de um incêndio, restando registros apenas a partir do ano de 1970.

Ao adentrarmos a sala onde o acervo está armazenado, observamos que os documentos se encontram organizados em armários, como mostra a Figura 5, a seguir, que registra o primeiro contato com o material. Nesse processo, foi realizada a catalogação das informações por meio de uma tabela elaborada no Microsoft *Word*, contendo o nome, o ano, a série, a disciplina e o turno. A organização foi feita por ordem alfabética dos nomes das professoras, com o objetivo de identificar, a partir dos registros dos diários, as professoras que atuaram no período de 1970.

**Figura 5** – Registro de como o material está organizado Imagem (c) tabela organizada pelas autoras Imagem (d)<sup>12</sup>



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2025.

<sup>12</sup> Captura de imagem do arquivo organizado pelas autoras, contendo informações sobre as professoras e o ano de atuação na instituição. Para preservar a identidade das colaboradoras e respeitar os princípios éticos da pesquisa, utilizamos uma faixa cinza para ocultar os nomes.

Dessa forma, após a identificação inicial das possíveis participantes, procedeu-se à seleção das colaboradoras com base no critério de atuação nas turmas correspondentes ao recorte da pesquisa. Ao todo, foram identificadas 37 professoras. Dentre essas, constatou-se que seis já são falecidas, restando, portanto, 31 possíveis colaboradoras. Dessas 31 professoras, foram realizadas tentativas de contato por meio de pessoas próximas. No entanto, três delas informaram, por meio de terceiros, que estavam impossibilitadas de participar, em decorrência de problemas de saúde. Quanto às demais, não foi possível estabelecer comunicação direta e, segundo relatos de outras entrevistadas, parte delas atualmente reside em outros estados, uma inclusive fora do país, o que inviabilizou sua inclusão. Portanto, ao final do processo de seleção para definição do grupo, contou-se efetivamente com a colaboração de quatro professoras aposentadas.

Assim, no Quadro 2 são identificadas as participantes pelo gênero, faixa etária e anos de atuação na escola. Para atender às normas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, foram utilizados nomes fictícios para nomear as participantes, resguardando o cuidado ético e a preservação da identidade real. Optamos por escolher nomes de nossas familiares mulheres que não tiveram acesso à escola, consideradas pela sociedade como “analfabetas”.

Acreditamos que a escolha do critério de utilizar nomes fictícios de mulheres analfabetas para nomear as professoras é compreendida como uma forma de promover uma reflexão, tanto sobre as mulheres que contribuíram diretamente com a educação quanto sobre aquelas que, por enfrentarem a dureza do trabalho e as desigualdades sociais, não tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Essa escolha revela como realidades distintas coexistem na história: mulheres que foram mães, avós, trabalhadoras e que, mesmo fora da escola, exerceram papel social.

**Quadro 2 – Perfil das participantes da pesquisa**

<b>PARTICIPANTE (Nome Fictício)</b>	<b>IDADE</b>	<b>TEMPO DE ATUAÇÃO NA DÉCADA E SÉRIE</b>		<b>DATA DA ENTREVISTA</b>
<b>Sebastiana</b>	80 anos	1974	1º Série	11/04/2025
		1975	2º Série	
		1976	1º Série	
		1977	1º Série	
		1977	2º Série	
		1978	1º Série	
		1979	1º Série	
<b>Glória</b>	82 anos	1973	1º Série	16/04/2025
		1975	1º Série	
		1976	1º Série	
		1977	1º Série	
		1978	1º Série	
		1979	1º Série	
<b>Maria Izabel</b>	80 anos	1973	1º Série	30/04/2025
		1974	1º Série	
<b>Francisca</b>	78 anos	1973	3º Série	02/05/2025
		1974	3º Série	
		1975	3º Série	
		1976	1º Série	

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2025.

Assim, estabelecemos contatos prévios com as entrevistadas, e dialogamos sobre a possibilidade de participarem deste processo. As quatro colaboradoras receberam o convite com satisfação e colocaram-se à disposição para contribuir com a pesquisa. Dessa forma, as entrevistas foram previamente agendadas e realizadas na residência de cada uma das colaboradoras. Quanto às questões éticas, destaca-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)<sup>13</sup> da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conforme exigido pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes das entrevistadas foram mantidos em sigilo, em conformidade com o Código de Ética para pesquisas envolvendo seres humanos.

<sup>13</sup> O projeto insere-se em uma proposta mais ampla de estudos e pesquisas na linha de Memória, História, Identidade, Gênero e Cultura Escrita, sob a orientação da professora Joseni Meira Reis, e foi submetida e aprovado pelo Comitê de Ética da UNEB pelo CAEE: 78452524.3.0000.0057 em 25/04/2024.

## 2.5 COMO OS DADOS FORAM TRATADOS?

Em síntese, com base no que foi apresentado, neste subtópico é mostrado como se deu o tratamento dos dados. Partiu-se da estrutura de análise proposta por Minayo (1994), especialmente no capítulo IV, e das contribuições de Gomes (1994), que orienta a análise qualitativa em três fases distintas. Segundo o autor:

Na **primeira fase**, em geral, organizamos o material a ser analisado. Nesse momento, de acordo com os objetivos e questões de estudo, definimos, principalmente, unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. Para isso, faz-se necessário que façamos uma leitura do material no sentido de tomarmos contato com sua estrutura, descobrirmos orientações para a análise e registrarmos impressões sobre a mensagem. Na **segunda fase**, o momento é de aplicarmos o que foi definido na fase anterior. É a fase mais longa. Pode haver necessidade de fazermos várias leituras de um mesmo material. A **terceira fase**, [...] nessa fase devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações estatísticas, nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando (Gomes, 1994 p. 76).

A seguir, descrevemos como realizamos cada uma dessas fases com base no nosso percurso da pesquisa.

- **Primeira fase**

Após a realização das entrevistas, iniciamos a organização do material, que foi primeiramente transcrito à mão. As entrevistas duraram entre 1h e 1h30 e, ao final, a transcrição das quatro entrevistas resultou em 21 páginas digitadas. Em seguida, esse material foi organizado em um quadro, contendo a transcrição textual e os nomes fictícios atribuídos às colaboradoras, de forma a preservar o anonimato, conforme as exigências éticas da pesquisa. Posteriormente, foi criada uma pasta no *Google Drive* intitulada “Material da pesquisa”. Essa organização prévia do material empírico foi fundamental para garantir a integridade das fontes e o bom andamento da análise documental. Nessa pasta, foram organizados:

- *Scans* de todos os diários da década de 1970 (o escaneamento tendo sido feito durante as visitas ao acervo da escola);
- Levantamento bibliográfico (artigos, livros, e-books, links de sites, dissertações e teses), materiais estes em formato PDF;

- *Scans* das imagens da fachada da instituição;
- *Scans* dos livros de registro, atas e outros documentos da instituição.

- ***Segunda fase***

A leitura detalhada das entrevistas permitiu-nos relacionar os relatos das colaboradoras com os documentos previamente organizados no acervo escolar, como os diários de classe, a ata de inauguração, registros de reuniões e outros documentos oficiais da época. Também foi utilizada como base para a análise a fundamentação teórica presente em artigos acadêmicos que discutem o contexto histórico e educacional da década de 1970, o que nos ajudou estabelecer categorias de análise que dialogam com a prática alfabetizadora, visando responder à questão-problema: como se deu o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas no município de Guanambi–BA, na década de 1970, e o que as fontes e a memória dos sujeitos envolvidos nesse processo revelam sobre a alfabetização?

- ***Terceira fase***

Consideramos essa a fase mais exigente de toda a pesquisa. O nosso objetivo foi ir além das falas literais, buscando interpretar os sentidos das memórias registradas e até mesmo os gestos corporais e expressões durante as entrevistas, especialmente no que diz respeito às práticas de alfabetização. Foi um processo que exigiu tempo e reflexão, pois as análises foram sendo construídas ao longo do contato contínuo com o material, em diálogo com outras leituras do campo da história da educação e da alfabetização.

Dessa forma, optamos por realizar uma análise por categorias, que foram surgindo de forma orgânica a partir das entrevistas e dos diários escolares. Para organizar essa etapa, os registros foram abertos em um documento do *Word*, destacando-se em verde os trechos que apresentavam semelhanças de conteúdo e, em vermelho, os pontos de divergência. Esse procedimento auxiliou na visualização dos temas recorrentes e na melhor estruturação das categorias que orientaram a discussão dos resultados.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o objetivo de trazer algumas reflexões sobre a discussão apresentada, propomos problematizar algumas categorias fundamentais para a argumentação, sendo elas: “memória”, “história”, “alfabetização” e “história da educação”. A análise e caracterização desses conceitos viabilizam uma compreensão mais profunda do estudo.

#### 3.1 “HISTÓRIA” E “MEMÓRIA”: REFLEXÕES TEÓRICAS

A história é um caminho para utopia. Não no sentido de um ideal inatingível, mas no de manter viva a esperança. Ontem semeamos a realidade de hoje; hoje semeamos a de amanhã. A história pode nos ajudar a realizar essa semente com lucidez enunciando um futuro mais justo e fraterno (Boschi, 2007, p. 69).

No livro *Por que estudar história?*, Caio César Boschi (2007) pontua que uma das funções básicas da história é permitir a compreensão da vida em sociedade e dos homens que a integram e a transformam ao longo do tempo. Ainda, Boschi (2007) destaca que a história não deve ser uma mera observação, enfatizando a importância de analisá-la, criticá-la e buscar compreendê-la, no sentido de agir sobre ela, de engajar-se como agente ativo na construção e interpretação das narrativas históricas.

Sobre o campo da memória, Gandor (2008, p. 3) destaca que “Jacques Le Goff afirma que o conceito de memória nos remete, em primeiro lugar, a um fenômeno individual e psicológico, que possibilitaria ao homem a atualização de impressões ou informações passadas”. O autor pontua ainda que, no século XX, os *Annales*<sup>14</sup> movimentaram um processo de modificações sobre as fontes e objetos de estudo que mais tarde permitiram uma maior relação entre História e os relatos produzidos pela Memória.

Tomando como base a memória como uma fonte, é importante destacar que, assim como qualquer outra, “as fontes não têm sentido em si mesmas. Somos nós que, ao analisá-las, lhes atribuímos importância e valor” (Boschi, 2007, p. 33). Sobre as conceituações apreendidas entre memória e história, destaca-se que, segundo Pierre Nora (1993, p. 8),

---

<sup>14</sup> “*Annales*, como um movimento francês que iniciou em 1929, representa uma revolução historiográfica na medida em que não se restringe apenas ao estudo dos aspectos políticos da sociedade, mas incorpora também seus aspectos econômicos, sociais e culturais, valorizando os sujeitos, temáticas, como festas, morte, representações, entre outros, que até então eram colocados à margem do processo histórico” (Reis, 2010, p. 17).

Memória e história longe de serem sinônimos tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. (...) A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Ainda de acordo com Nora (1993), na articulação entre ambas, é a memória que dita e a história que escreve. Assim, observamos que, conforme o autor, é possível afirmarmos que essa mistura implica na junção entre a memória e a história, realçando-se que, enquanto a memória pode ser influenciada por emoções e perspectivas individuais, a história busca uma análise crítica dos eventos passados. Embora a memória possa fornecer base para a compreensão do passado, é o historiador, quando a estuda, que a interpreta de maneira precisa, pois a história parte do pressuposto de que determinados fatos realmente aconteceram; a memória, sujeita às inconstâncias do cotidiano, é volúvel e mutável, mais próxima dos sentimentos do que da razão (Nora, 1993).

Embasadas nos teóricos que discutem a relação entre história e memória, destaca-se que a delimitação entre ambas se dá na afirmação de que “[...] memória e história interagem e se complementam” (Boschi, 2007, p. 55), assegurando que a memória individual e coletiva são fontes valiosas para os historiadores em geral. Assim, a memória refere-se à maneira como os indivíduos lembram e interpretam os eventos passados, e a história, à maneira de sistematizar, criticar e interpretar essas lembranças. Nessa complexa relação entre história e memória, ressalta-se a importância de considerar que ambas remetem ao estudo do passado, entretanto, conforme discutido, cada uma possui uma especificidade própria na forma de refletir os acontecimentos.

Boschi (2007) ainda destaca que, assim como existe a memória de coisas pessoais, existe também a memória coletiva. Em sua interpretação, o autor dialoga com Nora sobre o lugar de memória como arquivos. Ele cita o exemplo:

Visitar nossa primeira escola ou rever a casa onde passamos a infância são outros exemplos de lugares de memória, essas recordações, porém, não constitui a história propriamente dita. Ainda que recordamos a uma sequência de fato, ter ou cultivar lembranças não é fazer história (Boschi, 2007, p. 62).

Assim, é importante lembrar que a memória, por si só, não é o estudo da História. No entanto, quando se mantém e revive lembranças, está-se investigando o passado. Por isso, utilizamos neste estudo as memórias individuais das professoras, pois elas ajudam a entender como cada pessoa lembra e interpreta o que viveu. Tais memórias contribuiram para a

compreensão das práticas e dos modos de alfabetização adotados na escola, bem como dos recursos e materiais empregados nesse processo.

### 3.2 ALFABETIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Discutir o conceito de alfabetização na história da educação no Brasil é compreender que esta sofreu transformações significativas, acompanhando as mudanças sociais e políticas educacionais adotadas no país. Posto isso, entendemos que, para compreender o contexto histórico da década de 1970, é fundamental considerar os marcos legais: a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 4.024), data de 1961; em seguida, após 10 anos, houve a aprovação da Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. A nova legislação teve como objetivo adequar a educação às necessidades de desenvolvimento econômico do país.

Embora a Lei n.º 5.692/1971 não definisse explicitamente o conceito de alfabetização, ela apontava para um ensino com fins técnicos. Nesse contexto, era compreendida como a aprendizagem da leitura e da escrita de forma funcional. A Lei n.º 5.692/1971, ao reformular o ensino de 1º grau, estabeleceu que uma das finalidades dessa etapa seria “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Brasil, 1971, Art. 7º). Fica explícito no referido artigo que, embora não mencionada diretamente, a alfabetização era focada no domínio técnico do código nas primeiras séries.

Desse modo, para uma melhor compreensão do processo de alfabetização, é necessário retomar seu surgimento no Brasil, haja vista que, no entendimento de Mortatti (2006, p. 1), “[...] alfabetização, como esse processo passou a ser denominado, entre nós, a partir do início do século XX”. Desse modo, a alfabetização passa a ser reconhecida como um processo.

O processo de alfabetização começou a ganhar espaço por meio das práticas de escrita e leitura. Nesse contexto, Mortatti (2000, p. 3) afirma que “[...] as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados”, buscando a melhor maneira de fazer com que os cidadãos aprendessem.

O processo de alfabetização foi se intensificando, e começaram a surgir algumas dificuldades de aprendizagem e a busca por melhorias no ensino. Nesse sentido, Mortatti (2006, p. 3) aponta que houve “[...] repetidos esforços de mudança, a partir da necessidade de superação daquilo que, em cada momento histórico, considerava-se tradicional nesse ensino e

fator responsável pelo seu fracasso”. Surgiram, assim, os chamados métodos de alfabetização, visando solucionar essa dificuldade em cumprir a função da escola sobre o cidadão.

Assim, ao falarmos da alfabetização no contexto atual, é impossível não mencionar a professora e pesquisadora Magda Soares, que trouxe significativas contribuições para a compreensão da alfabetização. Ao refletir sobre o conceito da palavra alfabetização atualmente, em seu livro *Alfabetização e letramento*, Soares (2023, p. 16) faz uma breve reflexão sobre a etimologia do termo alfabetização: “[...] Alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. É importante discutir também, de forma breve, sobre os métodos que é um “conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita (Soares, 2016).

É notório que, ao longo da história, a disputa entre os métodos de alfabetização foi intensamente marcada e discutida em algumas obras. Sobre isso, Mortatti (2006) discute que a questão da metodização do ensino da leitura ao longo da história foi dividida em dois momentos importantes, conceituados como sintético e analítico. Dessa forma, Mortatti (2006, p. 1) destaca:

Em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com ‘antigas’ e ‘novas’ explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública.

Conforme a autora, na história, a disputa entre os considerados antigos e novos métodos é intensa e constante. Essas tensões refletem diversas visões sobre como ocorre o processo de alfabetização, demonstrando a importância do tema da alfabetização na educação brasileira e evidenciando a necessidade contínua de reflexão das práticas pedagógicas por meio da história. Com isso, propomos organizar o Quadro 3 com momentos históricos da alfabetização no Brasil, de acordo com a literatura disponível principalmente a obra de Mortatti (2000) e com base nas notas de aula da disciplina Alfabetização e Letramento.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Para a organização do quadro 3, utilizamos as notas da aula da disciplina Alfabetização e Letramento, ministradas pela professora Sirlene Prates no curso de Pedagogia na Universidade da Bahia, Guanambi-BA, 05 de abril de 2023 apresentação em *slides* “Dimensões Históricas da Alfabetização”.

**Quadro 3 – Momentos Históricos da Alfabetização**

<b>Período</b>	<b>Contextualização histórica da Alfabetização no Brasil</b>
Brasil colônia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolas de ler, escrever e contar</li> <li>• Catequização/instrução</li> <li>• Educação jesuítica</li> </ul>
Independência do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado assume a sistematização da instrução pública</li> <li>• Método de ensino (monitorial –mútuo)</li> <li>• Escolas de primeiras letras</li> </ul>
A metodização do ensino da leitura (1876-1890)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartas de ABC</li> <li>• Catequização/instrução</li> <li>• A marcha sintética</li> <li>• Início das cartilhas</li> <li>• Método João de Deus (palavração) X método sintético</li> </ul>
Institucionalização do método analítico (1890-meados da 1920)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reorganização da escola normal</li> <li>• Criação da escola-modelo e jardim de infância</li> <li>• Instituição e disseminação do método analítico</li> <li>• Nova concepção de criança</li> <li>• Surgimento do termo alfabetização</li> </ul>
A alfabetização sob medida (meados da de 1920- final década 1970)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Autonomia didática” (Reforma Sampaio Dória)</li> <li>• Novas propostas de solução</li> <li>• Métodos mistos/ecléticos subordinados ao nível de maturidade das crianças/testes.</li> <li>• Período preparatório</li> <li>• Método subordinado ao nível de maturidade.</li> <li>• Escrita como questão de habilidade caligráfica e ortográfica</li> </ul>
Alfabetização: construtivismo e desmetodização – a partir de 1980	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pensamento construtivista (psicogênese)</li> <li>• Desmetodização do processo de alfabetização</li> <li>• Questionamento sobre necessidade de cartilhas</li> <li>• Foco em como o aluno aprende e não porque não aprende</li> <li>• Institucionalização do construtivismo</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nas notas de aula de acordo com a obra de Mortatti (2000).

O quadro acima permite observar que a alfabetização no Brasil passou por diferentes transformações ao longo da história. Cada período revela uma concepção de educação, que vai desde a catequização jesuítica até o surgimento do construtivismo, o qual promoveu a desmetodização e colocou em foco a forma como a criança aprende.

Ainda nessa breve discussão sobre as diferentes formas do processo de alfabetização, Mortatti (2006) aborda que é visível que a associação entre escola e alfabetização sempre foi questionada, principalmente quanto ao método de ensino ou à disputa entre diferentes métodos. Assim, como o *lócus* da pesquisa é a instituição escolar Getúlio Vargas, é possível encontrar, nessa instância, abrangentes possibilidades de reflexão sobre o sistema educacional brasileiro e, em especial, sobre a educação local.

A associação entre escola e alfabetização vêm sendo questionadas, em decorrência das dificuldades de se concretizarem as promessas e os efeitos pretendidos com a ação da escola sobre o cidadão. Explicada como problema decorrente, ora do método de ensino, ora do aluno, ora do professor, ora do sistema escolar, ora das condições sociais, ora de políticas públicas [...] (Mortatti, 2006, p. 3).

Com isso, ao questionarmos como se desenvolvem as pesquisas que utilizam instituições escolares como *lócus* na história da educação, compreendemos que isso não é algo recente. Outros teóricos que antecederam essa discussão já abordavam a temática, bem como as várias produções existentes, como afirmam Gatti Júnior e Gatti (2015, p. 2): “a temática da História das Instituições Escolares não é nova no âmbito da historiografia da educação brasileira”.

Assim, é possível refletir que as instituições escolares não funcionaram apenas como lugares de ensino, mas, hoje, se fundamentam também como importantes colaboradoras de pesquisa para a história da educação, sendo capazes de revelar as transformações educacionais, sociais e culturais de diferentes períodos históricos.

Dessa forma, como mencionado por Furtado (2014), é possível observarmos que o estudo da instituição escolar não apenas recupera elementos do passado, mas também possibilita um olhar crítico sobre a materialidade da escola, as práticas educativas e até mesmo sua arquitetura.

Portanto, problematizamos que as práticas docentes são influenciadas por aspectos que transcendem a atuação individual do professor, estando profundamente enraizadas nas experiências históricas e culturais da escola. Nesse sentido, Nóvoa (1992) afirma que as práticas docentes não se limitam a ações individuais: elas são construídas historicamente no interior de culturas escolares, as quais são transmitidas e se transformam por meio das memórias e das experiências compartilhadas no espaço educativo.

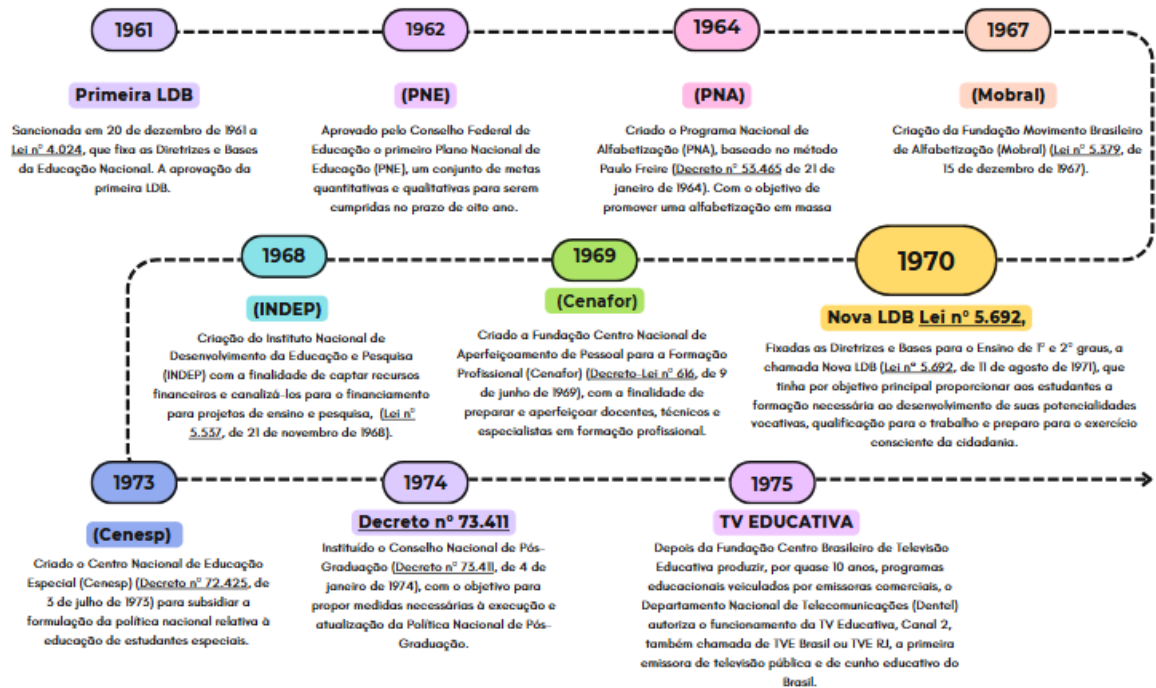
#### **4 PERSPECTIVAS POLÍTICAS E EDUCACIONAIS DO CONTEXTO NACIONAL AO LOCAL: O QUE PENSAR?**

Apresentar os processos educacionais do passado exige um esforço interpretativo, visto que a pesquisa histórica apresenta alguns desafios, principalmente no campo conceitual. De acordo com Carneiro (2021, p. 46), “[a] pesquisa histórica se depara com uma série de desafios próprios do fazer historiográfico, devido às suas especificidades ligadas ao estudo do tempo passado. Todavia, a apreensão de uma realidade passada, apesar de ser difícil, é possível, ainda que parcialmente”.

Partindo dessa perspectiva, ainda que parcialmente, nesta seção problematizamos o primeiro objetivo específico deste trabalho. Para tanto, retomamos, com base no contexto nacional, os marcos da década de 70 no campo educacional, até contextualizar o âmbito local. Para isso, foram utilizadas as informações sobre a História da Educação Brasileira disponíveis no site do Ministério da Educação (MEC) e a legislação vigente na época. Já a compreensão do contexto local foi subsidiada pelo material da pesquisa.

Em uma primeira abordagem, é notório que a década de 1970 foi marcada especialmente por estar inserida no contexto do regime militar (1964-1985). Conforme Saviani (2008, p. 298), “o legado do regime militar consubstanciou-se na institucionalização da visão produtivista de educação”, voltada para um modelo tecnicista que visava à formação para o desenvolvimento econômico. O governo federal, no contexto das reformas educacionais, promulgou a Lei n.º 5.692/1971, que alterou a antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961. Além disso, outros acontecimentos relevantes marcaram o período, como mostra a linha do tempo a seguir.

**Figura 6 – Apresentação da história da educação brasileira**



**Fonte:** Linha do tempo organizada pelas autoras (2025) com base no site do MEC. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>.

É necessário discutir as características da década de 1970 para compreender o contexto educacional que insere o processo de alfabetização. Corroborando com a linha do tempo acima, a obra “História da alfabetização no Brasil”, de Maria Luiza Marcílio (2023), destaca que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo expressivo crescimento populacional e pela intensificação da urbanização no país, paralelamente ao agravamento das desigualdades econômicas, as quais, segundo a autora, sempre tiveram reflexo nas desigualdades educacionais.

Ainda de acordo com Marcílio (2023, p. 352), “[...] no período militar o Brasil contou com volumoso recurso financeiros externos, de muitos milhões de dólares [...]”, investimentos estes destinados a diminuir a taxa de analfabetismo. Embora este trabalho não trate diretamente do conceito de analfabetismo, é necessário pontuá-lo nesta discussão, uma vez que a época foi marcada por vários movimentos, como, por exemplo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), cujo objetivo era erradicar o analfabetismo em um curto espaço de tempo.

Sobre o Movimento Brasileiro de Alfabetização, Cunha e Goés (1985, p. 58) afirmam que:

O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi criado em 1967, mas só revisto mesmo em 1970. Sua inspiração provinha das numerosas campanhas e cruzadas que se promoveram para livrar o país da “sujeira” do analfabetismo, como se a falta do conhecimento da leitura e da escrita fosse a causa dos males do nosso povo: a pobreza, a doença e até mesmo a opressão política.

Os autores apontam que o Mobral foi concebido sob a lógica das campanhas que eram desenvolvidas no país, numa perspectiva depreciativa, já que, no âmbito político, o analfabetismo era visto como uma “sujeira” ou um mal que precisava ser extirpado, em vez de entendê-lo como consequência histórica e cultural da exclusão social e educacional a que foram submetidas as populações menos favorecidas, especialmente a população do campo.

Também é fundamental considerar a influência das tendências pedagógicas da época, como o tecnicismo. Em contraponto, propostas reflexivas surgiam também nesse período, como a do grande educador Paulo Freire, contra o modelo da educação bancária, propondo uma pedagogia dialógica, bem como os movimentos sociais que se intensificaram na década de 1970.

Com isso, ao considerarmos o contexto local, o qual sofreu influência das políticas educacionais vigentes, observa-se que a lógica educacional teve reflexos diretos na alfabetização, que passou a ser tratada de maneira padronizada. Percebe-se que a Escola Getúlio Vargas seguiu, como outras instituições públicas, as orientações educacionais em vigor, adotando estratégias que buscavam eficiência no ensino.

Nesse cenário, a Escola Getúlio Vargas não agiu de forma neutra: refletia os valores e ideias da época. Como explica Alves (2019, p. 72–73).

A Escola Getúlio foi construída em torno de um marco de memória bastante aprofundado em uma visão de mundo cívica e nacionalista [...] por décadas como a instituição que aporta uma referência de educação, sobretudo pelos valores cívicos, morais e nacionalistas que se estenderam desde a inauguração durante o Estado Novo, percorrendo os anos e os regimes políticos que se sequenciaram.

Essa afirmação reforça a ideia de que a escola não só acompanhava o projeto político do Estado, mas também ajudava a mantê-lo vivo por meio de suas práticas cotidianas. Como evidencia a fala da entrevistada, a professora Sebastiana, ao destacar o processo de formação das crianças:

É bem mais fácil cuidar da formação das crianças quando estão sendo alfabetizadas do que adolescentes. Os valores, até a informação e a formação, porque o adolescente leva tudo na brincadeira. É diferente. E a criança é como

se fosse [...] que você vai modelando, educando, formando (Sebastiana, 2025, informação verbal).

Assim, ao analisarmos o material, percebemos que no contexto da época, a alfabetização foi concebida como uma etapa de ensino da leitura e da escrita, e também como um processo intimamente relacionado à formação moral e cívica das crianças. É evidente que esse cenário educacional estava permeado por dimensões políticas.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre as memórias das professoras. Segundo Le Goff (1990), a memória pode ser compreendida como uma capacidade psíquica que permite ao ser humano relembrar experiências e informações passadas. O ato de lembrar, portanto, possibilita, nas entrelinhas dos relatos, identificar elementos de criatividade e de resistência presentes nas práticas, mesmo em um contexto nacional que influenciava diretamente a realidade local.

Algumas professoras destacaram a importância de tornar o aprendizado mais significativo, adaptando suas metodologias à realidade dos alunos. Como relata uma das docentes entrevistadas:

O que eu sempre achei, o que eu sempre acho, é que a gente deve começar da onde o aluno está. E, na época, eu tinha lido sobre isso. E falava: se for professor de matemática, se o aluno não souber a adição, não adianta ir trabalhar a divisão se ele não sabe adição. Não adianta. Tem que partir da onde o aluno está. Aí, quando eu fui nessa aula e vi que o aluno não estava aonde eu tinha planejado, aí eu tive que parar e começar de onde ele estava. Como que, na segunda série, eu ia começar com texto se ele não sabia ler? (Sebastiana, 2025, informação verbal).

Este relato demonstra que a prática pedagógica também se constitui como um espaço de invenção e adaptação, especialmente diante da ausência e de materiais didáticos contextualizados. Diante disso, na subseção seguinte, é apresentada uma discussão sobre a formação das professoras alfabetizadoras que atuaram na Escola Getúlio Vargas durante a década de 1970.

#### 4.1 A FORMAÇÃO DOCENTE DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

*Eu estudava, eu pesquisava, minha filha.  
Não ia pra sala sem nada, não! (Gloria, 2025, informação verbal).*

A formação das professoras que atuaram na década de 1970 na Escola Getúlio Vargas, conforme evidenciado nos relatos orais, era marcada pela busca de ações para atuação por iniciativa das próprias docentes, revelando o compromisso dessas profissionais com a aprendizagem de seus alunos. Muitas delas enfrentavam obstáculos, como a dificuldade de deslocamento para outras cidades para aperfeiçoamento em seus estudos, a exemplo dos deslocamentos para a cidade de Brumado ou Salvador.

A professora Sebastiana, por exemplo, relatou que, em determinados períodos, passou mais de um mês participando de cursos de capacitação voltados à alfabetização. Já outra professora contou que sua formação ocorreu em um internato bastante reconhecido na cidade de Januária, em Minas Gerais.

Por sua vez, a professora Maria Izabel destacou, com emoção, que foi aluna da própria Escola Getúlio Vargas e do Colégio São Lucas<sup>16</sup>, em Guanambi, onde realizou a admissão ao ensino médio. Ela relatou com alegria a experiência de retornar à instituição como professora, reforçando o vínculo afetivo com a escola e a valorização do espaço que fez parte da sua formação.

No que diz respeito à formação continuada, é possível observar que existia uma política voltada ao aperfeiçoamento das profissionais, embora não aprofundamos a dimensão e amplitude desses projetos. Entre eles, destaca-se o Projeto Rondon, mencionado por algumas professoras durante as entrevistas.

A gente também fez o curso do Projeto Rondon. Todo ano vinha o Projeto Rondon, juntava as professoras, fazia o curso. Eu tenho até o diploma do Projeto Rondon. Era aqui em Guanambi. Alugava uma sala, era um salão só. A prefeitura alugava. Aí ficava todas as professoras, fazia o curso. Teve uma equipe de alfabetização e tinha outros cursos. Agora, eu fiz o de alfabetização. Foi que veio silábico (Maria Izabel, 2025, informação verbal).

Abaixo, na Figura 7, pode-se observar o certificado do projeto.

---

<sup>16</sup> De acordo com Sena (2019), o colégio São Lucas foi criado no ano de 1958 pelos educadores Dr. Laerte Ribeiro e Prof.<sup>a</sup> Enedina Costa de Macedo, proprietária, e depois de alguns anos, com a criação do curso Normal, passou a ser chamado Ginásio e Escola Normal São Lucas.

**Figura 7 – Certificado do Projeto Rondon**



**Fonte:** Acervo pessoal da professora entrevistada (2025).

Conforme exposto no site<sup>17</sup>, o Projeto RONDON/MUDES III – Operação Vale do São Francisco contou com 354 universitários oriundos de 11 estados do Brasil que atuaram em 53 municípios da região do Médio São Francisco. Penha *et al.* (2020) afirmam que “[...] o projeto Rondon foi criado em 1967, quando 30 universitários e 2 professores decidiram conhecer melhor a realidade de comunidades amazônicas do estado de Rondônia. Logo após essa primeira expedição, concretizaram o projeto e contaram com o apoio do governo”. A partir daí, a experiência do projeto se estendeu a outros estados da federação.

Com isso, diante do exposto, é possível destacarmos dois aspectos no desenvolvimento do projeto: de um lado, tem-se a atuação do Projeto Rondon no contexto local de Guanambi, que evidencia o alcance das ações formativas promovidas pelo governo federal, ao proporcionar aos/às docentes em diferentes lugares do país o acesso a cursos de capacitação; de outro, observa-se o protagonismo das professoras em suas iniciativas pessoais de formação. Assim, seja por meio da busca individual por capacitação, seja pela participação em programas como o Rondon, as ações das professoras revelam inovações e compromisso com a ação de alfabetizar, mesmo em um período caracterizado, conforme discutido anteriormente, por intensas tensões políticas e educacionais.

<sup>17</sup>C.f.: <https://mudes.org.br/linha-do-tempo/1971-projeto-rondon-iii/>

## 5 OS FAZERES DAS PROFESSORAS: PRÁTICAS METODOLÓGICAS

Esta seção foi construída a partir de múltiplos olhares, sendo ancorada por lembranças de práticas das professoras e pelos documentos, como diários. Ao investigar um fenômeno educacional, é necessário compreender que ele é construído por partes: cada detalhe contribui para visualizar o processo. As memórias das professoras revelam que alfabetizar era um ato de compromisso educativo, mas, sobretudo, carregado de esforço. Nas entrevistas, esses aspectos podem ser observados por meio de dois pontos: a rigidez metodológica e a precariedade de material didático-pedagógico a ser utilizado no trabalho de alfabetização em sala de aula.

Aspectos como a disciplina rígida, o culto à pátria, a valorização da ordem e da religião faziam parte do cotidiano escolar, funcionando como mecanismos de formação de sujeitos obedientes e patriotas. Essas condições estavam inseridas em um contexto de regime político ditatorial que utilizava referenciais nacionalistas. Alves (2019) destaca que a escola ensinava muito mais do que conteúdos escolares: ela preparava os alunos para serem religiosos, respeitosos com as autoridades constituídas e alinhados aos valores morais da época. Essa prática acontecia por meio de hinos, orações, comemorações cívicas e uma rotina disciplinada. A fala da professora Maria Izabel (2025, informação verbal) ilustra bem esse processo ao narrar como era o cotidiano da escola desde o momento da chegada dos alunos.

Aí os meninos iam encostando, abria o portão, e cada um ia pra sua sala. Quando dava 07:30, todo mundo ia pra uma sala que tinha na frente, em fila. Aí falava dos acontecimentos da semana e cantava o Hino Nacional. Todo mundo cantava assim: ‘Ouviram do Ipiranga...’ Aí, quando terminava, todo mundo ia pra sua sala, em fila. Você precisava ver que belezinha! (Maria Izabel (2025, informação verbal).

A fala evidencia um olhar nostálgico sobre a organização, a disciplina e o civismo praticado diariamente, sendo percebidos como símbolos de um tempo “bom”. No entanto, é justamente esse sentimento que deve ser problematizado. A “belezinha” da fila e da rotina disciplinada revela uma estrutura pedagógica baseada na obediência e na uniformidade, aspectos centrais de regimes autoritários. Em outro trecho, ainda é visível o olhar nostálgico e de exaltação à autonomia e à autoridade da figura da diretora, que é vista, pela entrevistada, como de suma importância para o sucesso da instituição.

A escola era muito bem reconhecida, e a diretora de lá zelava muito. [...] ela era muito comprometida, e ela zelava muito bem do Getúlio Vargas. Era como

se fosse a casa dela. Então ela selecionava assim: se tivesse aluno danado, ela chamava, conversava assim: “Oh...”. Ela era autoritária, mas ela não era assim, aquela autoritária grosseira, não, sabe? Era uma autoridade. Autoridade para educar, para orientar e ensinar os valores (Sebastiana, 2025, informação verbal).

Nesse trecho da entrevista, a professora Sebastiana destaca que a autoridade é apresentada como algo necessário e positivo, vinculada ao ato de educar e orientar. Porém, essa concepção de autoridade, mesmo que bem-intencionada, reforça a lógica de hierarquia e submissão como princípios fundamentais da pedagogia autoritária presente no período. Os diálogos reforçam a imagem da escola como um espaço de excelência, justamente por sua rigidez, o que evidencia como os valores autoritários foram incorporados e naturalizados pelas práticas educativas.

O que era visto como “bom ensino” estava, muitas vezes, ligado à ideia de controle. As práticas cotidianas, como a disciplina, os rituais escolares e a organização da rotina, compunham o modo de ser da escola. Elas também influenciavam diretamente o trabalho pedagógico em sala de aula, especialmente no processo de alfabetização, que refletia os valores cívicos e morais. Os diários revelam essas questões, vejamos:

**Figura 8 – Diário da Professora, ano 1975**

III UNIDADE		COMPARECIMENTO DO PROFESSOR		MÊS DE setembro	
Dia da aula	ASSUNTO DA AULA	Esbúria do Professor	VISTO DO DIRETOR		
01-09-75	início semana da pílula				
02-09-75	introdução Família ca - dos dias da semana - Auto-escrita				
03-09-75	Truino - fixação na				
04-09-75	Preparativos p/ o dia 7				
05-09-75	apostas - introdução da - numeral 1				
06-09-75	Planejamento e Truino geral				
07-09-75	apostas - fixação da - numeral 1				
10-09-75	introdução p. na - numeral 2 - transportes				
11-09-75	fixação p. na				
12-09-75	E. na - animais - deic - num. 3 - ditado				
13-09-75	fixação da aula anterior				
15-09-75	p. 1ª introdução - vida dos animais - n.º 4				
16-09-75	leitura de Pílulas - exercício mimeografado				
17-09-75					
18-09-75	divisão geral das sílabas estudadas				
19-09-75	fixação colagem - ditado - n.º 5 - seminais				
20-09-75	Planejamento				
22-09-75	Truino geral - fixação Feminino				
23-09-75	verificação escrita III unidade				
24-09-75	verificação escrita III unidade				
25-09-75	verificação escrita III unidade				
26-09-75	comentários das provas				
27-09-75	leitura - exercícios de fixação				
29-09-75	ditado - exercícios de fixação				
30-09-75	fixação				

O PROFESSOR NÃO ENSINA; AJUDA O ALUNO A APRENDER

Fonte: Acervo da Escola Getúlio Vargas.

Desse modo, por meio da observação do diário, é possível perceber, especialmente no mês de setembro, uma atenção à Semana da Pátria, com destaque para a valorização do dia 7 de Setembro. Os valores cívicos eram incorporados às práticas como parte do processo de formação moral e patriótica das crianças. Esses aspectos refletem as dimensões ideológicas presentes no ensino público no Brasil nesse período, conforme já destacado. As atividades das comemorações ao 7 de Setembro, o culto à pátria e os símbolos nacionais refletem as práticas ideológicas da época.

Também foi discutido, no roteiro da entrevista, sobre os recursos didáticos e pedagógicos presentes no contexto da escola nesse período. Foi indagado: quais materiais eram utilizados? Três das quatro professoras apontaram uma realidade de escassez de recursos, situação que demandava delas mais criatividade e esforço para a produção dos materiais. Uma professora assim descreveu:

Os recursos que a gente ia trabalhar... éramos nós que fazíamos. Por exemplo, na escola: botar o varal, alguma coisa, ter lá para o menino ver o *ta, o te, o ti...* A gente fazia com as letras maiúsculas, minúsculas, maiores, com pincel atômico. Fazia pra ir visualizando. Quando chegava no alfabeto, fazia. A sala ficava toda decorada dessas coisas (entre risos). Era tudo por conta dos professores. Comprava papel, aquele que parece papel de embrulho. Nós comprávamos aquelas folhas de papel e fazíamos os murais — fala mural, por exemplo do tatu: *ta, te, ti, to, tu*. O *ta* maior, pra trabalhar com os alunos, e pra ficar o material, a gente preparava (Sebastiana, 2025, informação verbal).

As memórias das professoras revelam que alfabetizar na década de 1970 não se restringia, só à aquisição da leitura e da escrita. Era um processo mais amplo e complexo, permeado de conquistas, inovações com os recursos de que dispunham e muitos desafios. Mas era, sobretudo, um processo de resistência, no sentido de pensar como essas professoras buscaram alternativas para a utilização de materiais diversos.

## 5.1 DE ACORDO COM OS RELATOS DAS PROFESSORAS: COMO ERA A AÇÃO DE ALFABETIZAR NA DÉCADA DE 1970 NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS?

A alfabetização, enquanto prática escolar, é atravessada por múltiplos elementos que vão além dos métodos utilizados. O modo como o ensino se organiza no cotidiano da sala de aula, a postura do professor, os materiais disponíveis, as exigências sobre os alunos, a forma de avaliação e o espaço para a participação compõem o que chamamos, aqui, de modos de alfabetização e práticas educativas.

Compreender esses modos implica considerar o contexto histórico em que as práticas escolares se desenvolvem. Cada período imprime marcas específicas na forma como se ensina e se aprende a ler e escrever. É nesse sentido que o olhar se volta para a década de 1970, momento em que o processo de alfabetização nas escolas brasileiras era marcado por práticas pedagógicas fortemente influenciadas por métodos tradicionais. Nesta seção, busca-se compreender como se davam os modos de alfabetização e quais práticas educativas predominavam no contexto escolar da época, a partir do relato das professoras.

A prática de alfabetizar envolve tanto os saberes construídos pelos próprios professores em sua experiência cotidiana quanto os referenciais teóricos que se fortalecem em cada período histórico. Independentemente de serem denominadas técnicas, métodos, metodologias ou didáticas, é certo que os docentes sempre precisaram de estratégias que tornassem possível e eficaz o exercício do seu trabalho em sala de aula (Frade, 2005).

Nesse sentido, podemos discutir que a ação de alfabetizar na Escola Getúlio Vargas, na década de 1970, se caracterizava pela presença de métodos tradicionais, como o silábico, ao mesmo tempo em que revelava práticas reinventadas pelas professoras. Vejamos como a professora Maria Izabel (2025, informação verbal) descreve a ação de alfabetizar:

Olha, eu pegava meus alunos que ainda não tinham entrado na escola. Começava a fazer os exercícios assim, uns 15 dias. Aí começava a fazer através de... Por exemplo, eu fazia assim através de uma frase. Se eu ia dar o P –“pa” -a gente não falava a letra, não. Falava “pá”. Então eu colocava: **A PATA NADA**. Então, eu ia trabalhar com (pa, pe, pi, po, pu.) Depois vinha a palavra nada. Ia trabalhar com (na, ne, ni, no, nu). Aí, quando eles dominavam, aí a gente via que eles dominavam a pata nada, já começava a fazer as palavras: pata, pita. Era o “pa”, o “ta”, e o “na”. Trabalhava essas sílabas. Ficava uma semana nessas sílabas. Cada dia a gente trabalhava uma. [...] então a gente botava: pata. Então: Pa-ta. Tatá, Teté, Tite, Toto, Tutu. Aí já começava a ler, na hora que ele aprender o pi e o tá: pita, pipi, titi, titia. Porque o “A” todo mundo já sabia. Aí eu trabalhava o "D", dado, o dado era “da-dá”. Ainda lembro da (da-dá.) Então, eu trabalhava (da-do) (da-dá,) (de-de), (di di,) (do-dó,) (du-du). Aí, terminaram essas quatro sílabas, eu já ia para “a macaca é má”, já trabalhava com o ma: ma, me, mi, mo, mu. Aí começava mãe, mala. Já, já juntava com de lá, tá entendendo? Mada, dama. Porque já tinha aprendido (da, de, do, do, du), aí já juntava com o ma. Aí ficava, aí logo eles pegavam.

Esse relato evidencia a aplicação do método silábico, o qual “[...] considera a sílaba como a unidade linguística fundamental, apresentando aos alunos cantilenas como estratégias de memorização, justificando que as consoantes (unidade sem voz) só poderiam ser pronunciadas juntamente com as vogais (unidade com voz)” (Boto; Guirao, 2020, p. 196).

No entanto, como alerta Frade (2005), ao se classificar métodos de alfabetização, é preciso considerar seu caráter político, o contexto de aplicação e a escolha do vocabulário utilizado, pois esses elementos podem atribuir a um mesmo método significados amplos e diversos. Dessa forma, embora seja possível constatar a predominância do método silábico na Escola Getúlio Vargas durante a década de 1970, é necessário problematizar sua aplicação, pois os relatos das professoras entrevistadas demonstram que, mesmo utilizando esse método, havia outras tentativas, como a de aproximar o conteúdo da realidade dos alunos. Isso pode ser percebido no seguinte trecho: “A silabação funcionava. [...] O método funcionava! Comigo era assim: se não desse certo, eu mudava. Como contei, na outra turma, quando chegou abril, maio, eu mudei” (Sebastiana, 2025, informação verbal).

Em outro trecho:

Tinha as palavras-chave... Tinha que ser do ambiente da criança. Colocava palavras que se referiam as coisas conhecidas. Por isso o “tatu”, que era conhecido. Aí você ia jogando uma sílaba com a outra: tá, te, com o mesmo som. Aí você passava uma semana trabalhando tudo que você podia explorar da palavra tatu: explorar o ambiente que vivia, pra que que servia (Sebastiana, 2025, informação verbal).

A fala da entrevistada está de acordo com os registros feitos nos diários analisados, o que confere veracidade ao relato da professora, lembrando o que está documentado no diário foi feito pela professora na década de 1970, o que evidencia que, mesmo com o passar dos anos, a memória guarda as experiências que foram significativas na vida pessoal e profissional dessas professoras, as quais, por enquanto, conseguem superar o esquecimento.

Figura 9 – Diário da Professora, ano 1977 (1)

Aulas Prev. 20		COMPARECIMENTO DO PROFESSOR		Mês de Maio
Dia da Aula	ASSUNTO DA AULA	Assinatura do Professor	VISTO	
02-05-77	Revisão sobre a Família - Exercícios			
03-05-77	Revisão do mês - Pedagogia TA - Exercícios			
04-05-77	Antes Reporte - Coleção			
05-05-77	Pedagogia TA e TB - Exercícios			
06-05-77	Festinha da "Mamãe"			
09-05-77	Pedagogia TA - Te - Ti - Exercícios dia 3			
10-05-77	Pedagogia dada + TD - Exercícios - Exercícios			
14-05-77	Numeral 3 - Exercícios - Exercícios			
12-05-77	Família do TATU - Exercícios individual			
13-05-77	Reporte e Coleção			
16-05-77	Revisão do TATU - Exercícios			
17-05-77	Revisão de Pais e mestres			
18-05-77	Família do macaco (M.A) Exercícios			
19-05-77	Exercícios das famílias - Exercícios			
20-05-77	Introdução da Numeral 4 - Exercícios - Exercícios			
23-05-77	Pedagogia 40 - Numeral 4 - Exercícios - Exercícios			
24-05-77	Exercícios individual - Exercícios - Exercícios			
26-05-77	Reporte - Exercícios - Numeral 5 - Exercícios			
26-05-77	Reporte e Pintura			
27-05-77	Numeral 5 - Exercícios individual - Exercícios			
30-05-77	Família da Pita - Numeral 5 - Exercícios			
31-05-77	Exercícios Numeral 5 - Exercícios			

" Com ordem e tempo, descobre-se o segredo de tudo fazer, e fazer bem "

AULAS DADAS 20

Fonte: Acervo da Escola Getúlio Vargas.

Figura 10 – Diário da Professora, ano 1977 (2)

Aulas Prev. 20		COMPARECIMENTO DO PROFESSOR		Mês de junho
Dia da Aula	ASSUNTO DA AULA	Assinatura do Professor	VISTO	
01-06-77	Revisão Famílias dadas - Festinha - Reporte Coleção			
02-06-77	Família Pita - Numeral 2 - Exercícios - Exercícios			
03-06-77	Família da vaca - Exercícios - Exercícios			
06-06-77	Numeral 1 - Num - uma - Exercícios - Exercícios			
07-06-77	Revisão numeral 1 - Família da lua - Exercícios			
08-06-77	Reporte - Numeral 4 - 2 - Exercícios			
09-06-77	Os Cantinhos da			
13-06-77	Festa Municipal			
14-06-77	Reporte - Exercícios - Revisão Numeral 6			
15-06-77	Revisão - Exercícios - Numeral 6			
16-06-77	Revisão: TA - PA - VA - Exercícios			
17-06-77	Exercícios de Bandeirantes			
20-06-77	Exercícios - Exercícios			
21-06-77	Revisão Numeral 5 - 6 - Exercícios			
22-06-77	Comemoração de S. João			
23-06-77	São João			
24-06-77				
25-06-77				
27-06-77				
28-06-77				
29-06-77	Avaliação da 2ª			
30-06-77	unidade			

" Com ordem e tempo, descobre-se o segredo de tudo fazer, e fazer bem "

AULAS DADAS 20

Fonte: Acervo da Escola Getúlio Vargas.

É relevante mencionar que, do exemplo da professora ao dizer que as palavras utilizadas no processo de alfabetização estavam inseridas no contexto de vida dos alunos, podemos depreender, ainda que o método fosse tradicional, que as práticas docentes buscavam construir significados utilizando palavras-chave a partir do contexto do aluno, com base no cotidiano da criança, conforme relembra a professora. Outro aspecto que podemos, ainda, considerar é que a história da alfabetização é também a história das práticas, dos gestos e das memórias que resistiram.

## 5.2 DITADO, CÓPIA E FIXAÇÃO: “O PLANEJAMENTO DO FAZER DIREITINHO”

Ao analisarmos os diários escolares da década de 1970, que não se restringiram apenas aos diários das professoras entrevistadas, chama atenção o uso recorrente dos termos “cópia”, “ditado”, “fixação”, “treino” e “exercícios”. Mais do que simples instruções pedagógicas, essas palavras revelam uma lógica de ensino centrada na transmissão de conteúdos, em que o papel do aluno era executar, reproduzir, acertar. Ao consultar o Dicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno (2010), percebemos que os significados dessas palavras já revelam sua carga formativa:

- **Cópia:** “Reprodução manual ou automática de um texto, documento etc.; transcrição”, “transpor para outro lugar ou suporte, imitando com exatidão o original”
- **Ditado:** “pronunciar em voz alta para que outra pessoa escreva”. Ato de dizer algo em voz alta para que outra pessoa escreva, geralmente para testar sua escrita sem erros; texto que deriva dessa ação: vou fazer o ditado agora; ainda preciso corrigir os ditados da turma.
- **Fixação:** “Ato de fixar, de estabelecer”, “tornar firme, prender; fazer memorizar”.
- **Exercício:** “ato de praticar repetidamente algo com o fim de adquirir habilidade”.

Esses sentidos nos ajudam a compreender como o vocabulário escolar da época carregava a ideia de comando, obediência e repetição. O professor dita, o aluno escreve. O conteúdo é fixado por meio das diversas práticas repetitivas. O exercício serve para treinar e memorizar. Portanto, parte do pressuposto de que a repetição é a base da aprendizagem. O modo como a alfabetização era organizada pode ser parcialmente compreendido a partir da linguagem utilizada nos registros oficiais, em especial nos diários de classe, espaço em que as professoras documentavam parte de suas práticas. Lembrando que, em função do espaço reduzido de registro dos diários, muitas outras práticas podem ter sido omitidas.

Nesse sentido, utilizar os diários enquanto fontes é pensar nas lacunas, nos “não ditos”; portanto, esses documentos precisam ser problematizados, confrontados com outros documentos. Entende-se que eles trazem apenas uma versão do que pode ou não ter ocorrido no espaço da sala de aula.

**Figura 11** – Diário da Professora, ano 1979

Aulas Prev.		COMPARECIMENTO DO PROFESSOR	Mês de Junho
Dia da Aula	ASSUNTO DA AULA	Rubrica do Professor	VISTO
01-06-79	Redecinho lu, la e le; Fixação dos numerais estudados, higiene.		
02-06-79	Família de lu da luva - agrupamento total 4,5,6. Teste de Estudos Sociais		
05-06-79	Formação de palavras utilizando-se das famílias estudadas - agrupamento (6,7)		
06-06-79	Ditado - agrupamento total 8 e 9. Dias de chuva e de Sol.		
07-06-79	Cópia da lição, agrupamento total 9. Dias de chuva e de Sol. tempo		
08-06-79	Ditado - agrupamento - profissão		
11-06-79	Cópia - agrupamento - tempo		
12-06-79	Verificação de Comunicação e Expressão - agrupamento - tempo		
13-06-79			
14-06-79			
15-06-79			
18-06-79	Ditado, agrupamento, materiais usados em nossa casa.		

\* Com ordem e tempo, descobre-se o segredo de tudo fazer, e fazer bem \*

AULAS DADAS

Fonte: Acervo da Escola Getúlio Vargas.

**Figura 12** – Diário da Professora, ano 1979

Aulas Prev.		COMPARECIMENTO DO PROFESSOR		Mês de <i>Julho</i>
Dia de Aula	ASSUNTO DA AULA	Assinatura do Professor	VISTO	
03-02-79				
04-02-79				
05-02-79				
06-02-79				
09-02-79	<i>Revisão</i>			
10-02-79	<i>Revisão</i>			
11-02-79	Revisão - pedacinhos - ta - te - ti - do - tu			
12-02-79	agrupamento - leitura - Pedacinhos - ma - te - so - Exercícios de fixação			
13-02-79	agrupamentos de - b - t - 5 Ditado - leitura			
14-02-79	Pedacinhos - ta - agrupamento			
15-02-79	leitura - Cópia - pedacinhos va - ve - vi - vo - vu			
16-02-79	agrupamento - Fixação da família da vaca			

"Com ordem e tempo, descobre-se o segredo de tudo fazer, e fazer bem"

AULAS DADAS

Fonte: Acervo da Escola Getúlio Vargas.

Os conteúdos anotados nos diários, como “cópia dos pedacinhos: va-ve-vi-vo-vu”, “fixação da família da vaca” ou “ditado - leitura”, tratam-se de comandos técnicos, indicativos de um modelo pedagógico que organizava a alfabetização como uma sequência de ações interiorizadas e normativas. Cada termo reforçava a ideia de que aprender era repetir, memorizar, obedecer, como já mencionado. A escolha dessas expressões nos planejamentos revela o quanto essa concepção de ensino estava naturalizada e se reproduzia cotidianamente, sem espaço para questionamentos.

Essa lógica também aparece na fala da professora Francisca (2025, informação verbal), ao dizer: “Vou fazer direitinho, pra ver se consigo alfabetizar minha turma, seguindo tudo direitinho, com material, com recursos, com [...]”. A repetição da palavra “direitinho” não é casual; ela expressa a compreensão de que alfabetizar é seguir um roteiro fixo, um molde estabelecido, sem espaço para autonomia ou reflexão crítica. Nesse contexto, o ato de ensinar torna-se um cumprimento de tarefas, e não uma criação de sentidos.

A cópia era uma das atividades mais frequentes descritas nos diários. Copiava-se o que estava no quadro, na cartilha, no caderno do colega. Era uma prática que valorizava o “fazer certo”, o traçado exato, o respeito à margem, a letra limpa. Assim, se no planejamento das aulas, escrito nos conteúdos trabalhados, já era possível identificar a lógica tradicional da alfabetização por meio de termos como “cópia”, “ditado” e “exercício”, na prática cotidiana

essas ações se materializavam em uma rotina pedagógica baseada na repetição. As atividades eram encaradas como obrigações, frequentemente valorizadas por seus resultados imediatos, embora desprovidas de reflexão crítica. A fala da professora Francisca (2025, informação verbal) ilustra esse cenário: “Eu botava para copiar, dava os mimeografados para casa e os outros começaram a copiar. Ele já me acompanhava no quadro”.

O ditado também fazia parte da rotina escolar, reforçando a autoridade do professor e a postura passiva dos alunos. Era um momento de silêncio absoluto, em que se exigia atenção plena à voz do adulto, com escrita imediata e sem espaço para questionamentos. Os erros eram corrigidos com caneta vermelha, palavra por palavra, sem diálogo sobre os equívocos cometidos, com o objetivo de destacar falhas e aplicar correções.

A leitura, por sua vez, limitava-se majoritariamente à decodificação mecânica. Lia-se sílaba por sílaba, palavra por palavra, com entonação. A fluência, muitas vezes forçada, era o foco central. Como diz a professora Francisca (2025, informação verbal): “Quando eu voltei pra escola, eu tava sentada. Eu só vi gritando (nome da professora) Pa, pa, pa, pa, pa. Lendo. Deu um estralo da leitura. Quando foi em novembro, todos liam correntemente”.

Há uma repetição mecânica, talvez de sílabas ou fonemas, comum nos métodos tradicionais de alfabetização, especialmente nos métodos fônicos ou silábicos. O “estralo da leitura” poderia indicar o momento em que a criança começa a “decodificar” com fluidez. Mas fica a pergunta: será que o “estralo”<sup>18</sup> representa, de fato, a compreensão da leitura como produção de sentido, ou apenas a decodificação das palavras?

Assim, os achados e interpretações apresentados nesta seção representam um modelo pedagógico centrado na racionalização e no controle externo do ensino, que resultava, na prática, em um processo de alfabetização voltado predominantemente à memorização e à execução de tarefas repetitivas. Nesse contexto, atividades como cópias e ditados eram práticas recorrentes nas salas de aula.

Na perspectiva de uma linguagem figurada, pode-se refletir sobre essa época comparando-a à lógica de um “bolo colocado numa forma”: todos tinham que “entrar” e “sair” da escola utilizando o mesmo molde, do mesmo jeito, no mesmo tamanho. Mas sabemos que não é assim. Cada bolo tem as suas especificidades, depende do tipo de massa. Assim, existem bolos grandes, pequenos, largos, finos e, cada um, portanto, se adapta a um tipo específico de forma.

---

<sup>18</sup> O estralo era uma forma coloquial que os professores utilizavam para designar o momento.

Nessa analogia, podemos pensar, também, que cada criança, no processo de alfabetização, traz sua vivência, sua cultura, sua maneira de pensar, de sentir, de conviver, e tudo isso influencia no jeito como aprende. Tentar encaixar todas em um único modelo é como forçar uma massa numa forma errada pode até assar, mas perde a leveza, quebra, transborda ou não cresce como deveria.

## 6 MATERIAIS DE ENSINO E TECNOLOGIAS DA ALFABETIZAÇÃO

Os resultados anteriores levantam questões que serão discutidas em detalhes a seguir. Como descrevemos na metodologia, os Resultados e Discussões foram construídos em meio a várias questões e reflexões oriundas dos dados. Diante desse percurso, destacam-se dois elementos que emergiram com força durante os relatos: a cartilha e a presença do mimeógrafo como tecnologia educacional da época. Esses materiais foram recorrentes nas falas das professoras, portanto, assumem papel relevante na compreensão das práticas alfabetizadoras desenvolvidas no período.

Assim, esta seção se propõe a explorar as implicações e os significados atribuídos a esses recursos, discutindo a sua presença no cotidiano pedagógico e quais sentidos são atribuídos a eles pela memória das docentes.

### 6.1 *ERA UM LIVRETOZINHO, MAS ERA UMA BELEZA*<sup>19</sup>: A CARTILHA

Na década de 1970, os principais materiais utilizados para a alfabetização eram a cartilha e o caderno. Esses instrumentos cumpriam a função de reforçar a reprodução, a fixação e a execução dos conteúdos ensinados em sala de aula. Segundo Marcílio (2025, p. 365), “A cartilha de alfabetização teve sua fase de ouro na história da educação elementar brasileira desde a proclamação da República até os anos de 1980 [...] Foi um instrumento por excelência da alfabetização da criança [...] foi precioso guia e apoio do professor.” Nas questões sobre quais materiais utilizavam, as professoras explicavam que:

---

<sup>19</sup> Trecho da entrevista.

**Quadro 4 – Recorte da entrevista sobre os materiais**

<b>MATERIAIS:</b> Transcrições das falas das professoras relacionadas a quais materiais tinham disponíveis na escola.
<p>“Fazia recurso. Fazia com tampinha, palitinhos”.</p> <p>“Era quadro verde e a gente escrevia de giz”.</p> <p>“eu trazia os cadernos dos alunos e fazia aqui em casa as tarefas, e entregava a cada um.”</p> <p>“[...]os livros, a gente que arrumava. Sabia? Com as coisas, não tinha esse livro pra dar, não. Era as pessoas que compravam os livros, os cadernos.”</p> <p>“Tinha Ábaco”</p> <p>“A gente pegava a cartilha. Cartilha do Povo. Depois surgiram outras cartilhas. Tinha as que era mais coloridas. A gente ia comprando. A Cartilha do Povo era assim, aquele colorido fraco, preto e branco. Aí veio as coloridas.”</p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2025).

De acordo com os relatos visíveis no Quadro 4, acima, a cartilha utilizada nesse período era a “Cartilha do Povo”, escrita por Lourenço Filho, que foi um importante educador e pedagogista brasileiro, influenciado pela psicologia educacional, tendo desenvolvido as teses do ABC e a própria Cartilha do Povo, voltadas para o processo de alfabetização (Vieira,2017)

A Cartilha do Povo tinha como objetivo principal o desenvolvimento da leitura, mas também trazia conteúdos voltados para a formação moral e comportamental dos alfabetizados, como apontam Boto e Guirao (2020, p. 202): “A referida cartilha era destinada ao ensino da alfabetização para crianças e adultos brasileiros, contendo todos os preceitos morais, éticos e sociais da luta dos intelectuais republicanos”.

A obra apresentava ainda uma diversidade de métodos, na tentativa de fortalecer o ensino da leitura. Segundo Boto e Guirao (2020, p. 203), “[a] obra possui lições que podem tanto ser ensinadas pelo método sintético, como pelo método analítico, ou mesmo mesclando-os”. Além disso, o impacto da cartilha pode ser medido pela sua ampla difusão. Como destaca Monarcha (2001, p. 32 *apud* Boto; Guirao, 2020, p. 203): “A Cartilha do Povo para ensinar a ler rapidamente é um pequeno livro de 48 páginas, com quarenta lições, que, decorridos mais de 60 anos, já alcançou mais de 2.200 edições, com mais de 25 milhões de exemplares”.

Esses números expressivos e a adoção tão longa demonstram a popularidade da cartilha no ensino no Brasil, bem como a sua ampla circulação, visto que teve 2.220 edições em um período de mais de 60 anos. Portanto, a cartilha influenciou o processo de alfabetização de várias gerações. A Cartilha do Povo foi impressa pela editora Melhoramentos. Sobre a Cartilha

do Povo, Boto e Guirao (2020) destacam que as lições são grafadas em letra de imprensa, de tamanho uniforme, e os conteúdos são apresentados de maneira sistematizada e gradual.

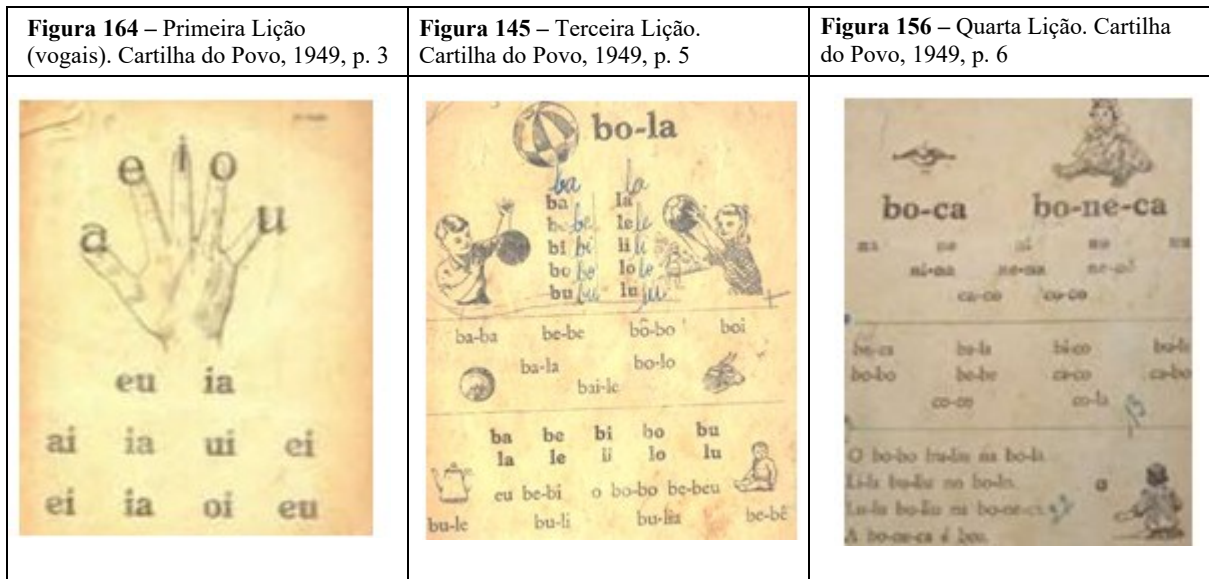
**Figura 13** – Capa da Cartilha do Povo



**Fonte:** Cartilha do Povo, <https://www.leilaoartebrasileira.com.br/peca.asp?ID=983490>

Mas o que havia na cartilha? <sup>20</sup> A Cartilha do Povo, como já é bem visível em seu título, demonstra que era um material voltado para a população, pensando na aprendizagem do povo. O que havia na cartilha parecia refletir a busca por uma aprendizagem flexível; as primeiras páginas costumavam apresentar as vogais isoladas (a, e, i, o, u). Vejamos as figuras.

<sup>20</sup> Ressaltamos a dificuldade de encontrar imagens sobre a cartilha do povo. Assim, mostramos na Figura 13 a capa da edição de 1964, já no material exposto dentro mostramos a edição de 1949.



Fonte: Boto e Guirao (2020, p. 83; 85; 87).

É notório que a fala das professoras entrevistadas reforça a estrutura interna da cartilha. Embora o uso da cartilha não tenha sido revelado explicitamente nos diários, o que se observa, de acordo com as descrições e os relatos, é que ela guiava a prática docente. Ao fazer uma breve descrição de suas práticas, é visível que estas dialogam com a organização sistemática proposta pela cartilha

Depois de tatu vinha baleia, vinha navio, na, ne, ni, no, nu. Vinha o desenho lá do navio, a palavra e a sílaba: na, ne, ni, no, nu. E aí vinha: nana, nina, tal, tal, tal. Aí já podia colocar nata, porque já tinha trabalhado o tá, te, ti, to, tu. E um segundo: baleia, bata... Aí chegava na sílaba travada, que era chamada, não sei se ainda chama assim, como Brasil. Depois que aprendiam tudo isso aí... Aí para sílaba travada. Outra coisa: tinha as letras... esqueci o nome agora. Aí depois partia para as letras cursivas. Aí depois que alfabetizava, ainda tinha esse trabalho de ensinar as letras cursivas e ensinar o alfabeto cursivo (Sebastiana, 2025, informação verbal).

Assim sendo, compreendemos, como também aborda Guirao (2020), que a cartilha seguia uma sequência didática do mais fácil ao mais difícil: primeiro trazia as vogais, palavras e depois os textos. Quando a professora recorda que era “livretozinho, mas era uma beleza” (Francisca, 2025, informação verbal), remete à visão que a professora tinha da cartilha como um manual de ajuda com resultados significativos. Quando a professora diz da beleza, ela engrandece a função desse material para a educação como suporte para a alfabetização, o uso desse recurso era uma forma de garantir que os alunos aprendessem dentro dos padrões da época.

Ainda sobre os materiais utilizados na alfabetização, uma das entrevistadas mencionou a presença de alguns livros, embora de forma pouco precisa: “Tinha uns livros. Era... não sei... quando eu trabalhei... Caminhos do Saber, Suave” (Entrevistada, 2025, informação verbal). A entrevistada não soube lembrar com nitidez o nome das obras, mas é possível supor que se referia à cartilha Caminho Suave, de Branca Alves de Lima, publicada em 1948. “O sucesso da obra de Branca Alves de Lima foi estrondoso, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, tanto com a participação dos programas federais como vendas externas” (Guirao, 2020, p. 147). Diante disso, é plausível considerar que a professora estivesse se referindo a esta cartilha, especialmente por seu amplo sucesso no período.

## 6.2 O MIMÉOGRAFO: “MIMÉOGRAFO ERA ALGO NOVO”

Segundo Lázaro (2024), o mimeógrafo foi criado em 8 de agosto de 1876 pelo inventor norte-americano Thomas Alva Edison. Inicialmente conhecido apenas como uma máquina de cópia, era vendido em caixas de madeira simples que continham os materiais básicos para a produção das cópias, e outros itens, como tintas de diferentes cores, também podiam ser comprados separadamente. Depois, passou a ser comercializado por Albert Blake Dick, chamando-se “mimeógrafo de Edison”. Anos depois, em 1923, por Wilhelm Ritzerfeld, surgiu o mimeógrafo a álcool, sendo utilizado no Brasil como instrumento para a duplicação de atividades, constituindo-se como uma ferramenta importante no auxílio aos professores (Lázaro, 2024).

No mimeógrafo a álcool, a impressão se dava por meio de um papel carbono, chamado estêncil, no qual eram datilografadas ou escritas as letras ou o texto. “Esse papel era comprimido a uma roda de alumínio lisa e era girado manualmente por uma manivela. Nesse processo, enquanto girava, o álcool ia umedecendo o carbono que transferia para as folhas em branco o que estava escrito ou desenhado” (Silva, 2021, p. 40).

O relato das professoras demonstra que a presença do mimeógrafo foi algo significativo no cotidiano da sala de aula.

### Quadro 5 – Recorte da entrevista sobre o Mimeógrafo

#### Mimeógrafo: Transcrições das falas das professoras relacionadas ao mimeógrafo.

“[...]Eu fazia prova na mão. Depois, como meu pai tinha uma livraria, ele comprou o mimeógrafo manual para o Getúlio Vargas. Aí a gente começou a fazer matriz. Eu fazia a matriz na mão. Era uma tecnologia da época”.

“O mimeógrafo era algo novo”.

“A gente usava mimeógrafo”.

“Eu botava para copiar, dava os mimeografados para casa e os outros começaram a copiar”.

“As tarefas eram copiadas pelo professor e os alunos respondiam. [...] Era tudo à mão. Eu me lembro do dia que chegou um mimeógrafo. A primeira escola que teve foi o Getúlio Vargas. Foi a evolução!”.

“A gente desenhava tudo, depois passava tudo no mimeógrafo”.

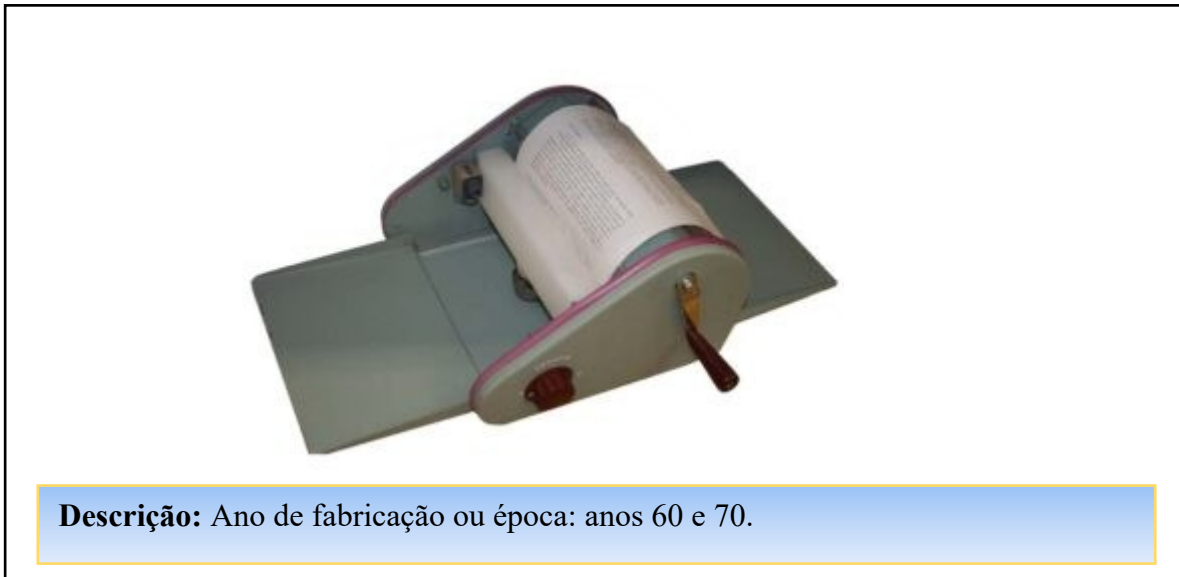
Eu levava uma pilha de caderno deste tamanho pra casa. Ficava até 4 horas. [...] Depois de muito tempo, que a (diretora) conseguiu mimeógrafo. Inclusive, quem mexia no mimeógrafo era eu.”  
Ficamos até tarde preparando material, mimeografado”.

Eu me lembro do dia que chegou um mimeógrafo. A primeira escola que teve foi o Getúlio Vargas. Foi a evolução! Um dia antes, (nome de uma colega) foi em Belo Horizonte e descobriu que tinha a matriz azul-verde. A gente comprou. Eu tenho muita facilidade para desenhar. Eu desenhava essas coisas e a gente coloria. Isso, para os meninos, era a glória! E a gente desenhava tudo, depois passava tudo no mimeógrafo. A gente sofreu.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2025).

A partir da fala das professoras, é possível perceber que o mimeógrafo se configurava como uma ferramenta nova, que trazia alívio diante das limitações materiais do cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, deve-se destacar que sua chegada não eliminava o esforço docente, principalmente o físico, havia aquela professora que copiava à mão as atividades, que preparava os exercícios à noite, que se dedicava para ver seus alunos lendo ao final do ano letivo.

O mimeógrafo era um dispositivo de metal que, a partir de uma matriz feita no papel carbono e fixado ao aparelho, reproduzia cópias em folhas de papel tamanho A4. O professor escrevia manualmente a atividade sobre a matriz e, em seguida, reproduzia o conteúdo girando a manivela, duplicando folha por folha (Campos, 2009). Essa tecnologia foi uma inovação significativa para a época, sobretudo em escolas públicas. No funcionamento do mimeógrafo, o processo era simples, porém trabalhoso o professor escrevia ou desenhava na matriz e reproduzia atividades e provas.

**Figura 17 – Mimeógrafo**

**Fonte:** Acervo do museu de Tecnologia de Curitiba (MUTEC) (<https://mutec.curitiba.br/maquina-de-stencil-com-alcool/>).

Contudo, o mimeógrafo era o apoio da tecnologia na prática pedagógica. Sendo algo que ficou marcado positivamente na memória das professoras, muitas consideram que foi um marco em suas práticas pedagógicas. Elas lembraram, com certo saudosismo, que muitas vezes o mimeógrafo era o único material disponível e que ajudava na realização das aulas. Portanto, pensar em mimeógrafo a partir da memória das professoras, ao lembrar a atuação no processo de alfabetização das crianças, é pensar e refletir, também, sobre os caminhos possíveis para estabelecer sentidos no que tange esse campo de discussão.

Por fim, discutir e refletir sobre os usos das cartilhas e do mimeógrafo enquanto instrumentos de ensino utilizados no processo de alfabetização de crianças permitem considerar que esses instrumentos cumpriam uma função de moldes e que foram utilizados para alfabetizar um tipo de aluno, que aprende a sílaba antes da palavra, a palavra antes da ideia, o traço da letra antes do que ela representa.

Em resumo, a discussão dos resultados dos achados e interpretações apresentados nesta seção faz com que se ressaltamos que as memórias e as fontes não devem ser julgadas com os olhos de hoje, mas podem e devem ser revisitadas para que novas indagações e questionamentos sejam levantados no campo da alfabetização.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas, em Guanambi–BA, durante a década de 1970, analisando a história e a memória de professoras que fizeram parte do processo de alfabetização, utilizando fontes documentais e entrevistas para construir uma narrativa que entrelaça história, memória, métodos, materiais e práticas pedagógicas. Ao ouvir as vozes das educadoras, valorizar e confrontar as memórias com os documentos escolares da época, foi possível não só reconstruir aspectos da alfabetização naquele período, mas também compreender como tais práticas se relacionavam com o contexto político e educacional vigente na época.

Os dados da pesquisa mostram que, na educação do Brasil, na época, havia um cenário nacional e local marcado pela imposição da disciplina como prática educativa e pedagógica. Ainda, notamos que havia certa escassez de recursos materiais e pedagógicos. A alfabetização estava atrelada a métodos repetitivos, baseados na memorização e na silabação, alinhados às orientações tecnicistas da política educacional da ditadura militar. Contudo, mesmo nesse ambiente limitado, emergiram sinais de criatividade, dedicação e resistência das professoras, que, com poucos recursos, buscavam alternativas para suas práticas.

Os dados obtidos permitiram mais do que lançar um olhar sobre o passado, possibilitaram reflexões sobre práticas que precisam ser revisitadas por meio de novos entendimentos pedagógicos. Assim, este trabalho também busca lançar luz sobre a importância de repensar os métodos de alfabetização, reconhecendo que as práticas do passado, embora datadas, continuam influenciando concepções atuais de ensino.

Além disso, a pesquisa aponta caminhos para novas investigações. As lutas por uma educação pública de qualidade, equitativa e democrática são antigas, e este estudo se insere em um campo de análise que compreende a escola como espaço de disputa, resistência e construção. O estudo também evidencia a necessidade de preservação dos acervos escolares, pois, quando bem conservados, possibilitam um amplo campo para pesquisas. Valorizar as memórias docentes como fontes é, também, uma aposta na preservação das histórias da educação local, de forma que as experiências pedagógicas não se percam e contribuam para a compreensão dos rumos da educação brasileira.

Outro aspecto relevante que merece destaque é a valorização da escola pública como patrimônio da comunidade. A Escola Getúlio Vargas não é só uma instituição de ensino, mas parte da história e da identidade cultural de Guanambi. Sua trajetória, reconstituída por meio

das práticas de alfabetização, reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à preservação da memória escolar e ao incentivo à pesquisa local.

Portanto, este trabalho se constitui como um convite à reflexão crítica sobre a história da alfabetização e contribui para o fortalecimento da historiografia educacional ao mostrar que as histórias das professoras têm muito a dizer sobre os desafios e os sentidos da docência. Ao ouvir essas vozes e registrar suas experiências, reafirma-se o compromisso com uma educação voltada à justiça social e à valorização das múltiplas memórias que constituem o campo educacional.

Além disso, abre-se espaço para novas investigações. A escuta e a análise das memórias docentes permitem lançar um novo olhar sobre um campo ainda pouco explorado: o lugar dos alunos nesse processo. Quem eram as crianças que passaram por esse modelo de alfabetização? Como vivenciaram essa fase? Quais marcas a alfabetização escolar deixou em suas trajetórias de vida? Investigar essas questões pode ampliar a compreensão das práticas escolares sobre a formação dos sujeitos e sobre o próprio sentido da alfabetização na vida cotidiana.

Por fim, compreendemos que, a cada dia, o ato de educar se renova e, com ele, busca-se uma educação de qualidade, capaz de responder às necessidades do seu tempo. Na década de 1970, vivenciou-se uma modernidade própria, marcada por métodos e recursos considerados inovadores à época. Afinal, o que hoje chamamos de tradicional, um dia foi considerado moderno. Assim, conclui-se que, ao revisitarmos essas memórias, o passado da educação pode ser analisado e discutido não com os olhos de hoje, mas com escuta sensível, a fim de valorizar as experiências e construir história.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Maria de Nazare Reis. Notas Sobre A Arquitetura Escolar Do Instituto Santa Teresinha No Município de Bragança. *In: 40ª Reunião Nacional da ANPed. Anais [...]* Belém – PA, setembro a outubro de 2021.

ALVES, Tatiane Malheiros. **A Escola Getúlio Vargas em Guanambi: quadro social de referência da memória e da linguagem política.** 2019. 180f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA, 2019.

BÍBLIA. Salmos, 139. *In: Bíblia Sagrada.* Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Impressão gráfica, 2021.

BÍBLIA. Salmos, 126. *In: Bíblia Sagrada.* Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Impressão gráfica, 2021.

BLOG, da Escola Getúlio Vargas. **Escola Getúlio Vargas Guanambi/Ba.** Disponível em: <https://escolagetuliovargasgbi.blogspot.com> Acesso em: 08 jun. 2025.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. Alfabetização no Brasil: um pouco de história. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 39, n. 74, p. 51-67, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32881> Acesso em: 06 fev. 2025.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

BOTO, Carlota; GUIRAO, Nathalia Campelo Ferraz. A cartilha maternal, a cartilha do povo e a caminho suave: três perspectivas sobre a alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 12, p. 192-211, 2020. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/399>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF: Presidência da República [1971]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15692.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm) Acesso em: 03 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF: Presidência da República [1961]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 03 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conheça a história da educação brasileira.** Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário Escolar de Língua Portuguesa Silveira Bueno**. São Paulo: DCL, 2010.

CAMPOS, Joseane Gomes. **Condições de trabalho do professor: reflexos do uso do mimeógrafo no dia-a-dia dos professores e dos alunos da rede estadual paulista – Ensino Fundamental I**. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

CARDOSO, Maria Angélica. **A organização do Trabalho didático nas escolas isoladas paulistas: 1893 a 1932**. 2013. 208f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. **De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do jornal o bem-ti-vi: culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914)**. 2021. 269f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2021.

CUNHA, Luiz Antônio, GOÉS, Moacyr de. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FAMILYSEARCH. **Joaquim Dias Guimarães**. Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/pt/LTLL-BSH/joaquim-dias-guimarães-1806-1890>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FURTADO, Alessandra Cristina. Do arquivo escolar à escrita da história da Instituição Educativa Confessional Católica Feminina do interior paulista (1918-1961). **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 12, n. 2, p. 171–191, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.33675. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/33675>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005. (Alfabetização e letramento).

GATTI JÚNIOR, Décio; GATTI, Giseli Cristina do Vale. A história das instituições escolares em revista: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Revista Educativa-Revista de Educação**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 327-359, 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/4553> . Acesso em: 10 jan. 2025.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GONDAR, Jo. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GUANAMBI. Secretaria Municipal de Educação. **Guanambi, de Flor em Flor**. Guanambi: Secretaria Municipal de Educação, 1996.

GUIRAO, Nathália Campelo Ferraz. **História da alfabetização: um estudo sobre cartilhas no Brasil**. 2020. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LÁZARO, Luiz Vicente da Silva. **Metalivrogravura**, Tese (Doutorado programa de pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte) Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2024.

MARCILIO, Maria Luiza. **História da alfabetização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A ABALF Na História Da Alfabetização No Brasil: Um Desafio Para O Século XXI. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/29>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo (1876/1994)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. *In*: Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 2006. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf). Acesso em: 05 jan. 2025.

MUTEC – Museu de Tecnologias da UTFPR. **Mimeógrafo**. s/d  
Disponível em: <https://mutec.curitiba.br/maquina-de-stencil-com-alcool/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, dez.1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PENHA, Maria Ruth Gonçalves da; ANDRADE, Jeane Ferreira; CARVALHO, Iasmim Soares; GADELHA, Maria do Socorro Vieira; OLIVEIRA, Murilo Duarte de; SOUSA, Sebastião Cavalcante. Projeto Rondon: conhecendo sua história. **EntreAções: diálogos em extensão**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 119-132, 3 fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entreacoes/article/view/602>. Acesso em: 02 jul. 2025.

REIS, Joseni Pereira Meira. **Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)**. 2010. 1Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra. **História da alfabetização e suas fontes** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2018.

SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclê. As escolas que construímos: a história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 19, p. e062, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/cwGNMRSDTgVvC4Tz8phSBjq/>. Acesso em: 04 fev. 2025.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Kj7QjG4BcwRBsLvF4Yh9mHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2025.

SENA, Lázaro Francisco. **O ginásio de Guanambi**. Montes Claros: Editora Gráfica Millennium Ltda., 2019.

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA (SESAB). **Hospital Regional de Guanambi**. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/hospital/hospital-regional-de-guanambi/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVA, Marizete Marques da. **Histórias singulares de alfabetizadoras mineiras 1915 a 1971**. 2023. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2023.

SILVA, Marcelo Henrique Militão da. **Educação e tecnologia: a evolução de tecnologias usadas na educação e no curso de pedagogia do campus de Tocantinópolis, nos seus 30 anos.** Monografia- Universidade Federal do Tocantins, TOCANTINÓPOLIS – TO, 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização: A questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2023.

TEIXEIRA, Domingos Antônio. **Respingos históricos.** Salvador: Arembepe Ltda., 1991.

TEIXEIRA, Sirlene Prates Costa. **Slide “Dimensões Históricas da Alfabetização”**

Guanambi-BA: Universidade do Estado da Bahia. 05 de abr. 2023. Notas de aula.

VIANA, Magna Melo; COSTA, Glauber Barros Alves. Trajetórias de alfabetização e letramento: histórias de outras histórias: **Revista Cocar**, [S. l.], v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6474> . Acesso em: 02 jun. 2025.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita.** Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista/BA 2017.

## FONTES ORAIS

FRANCISCA, Entrevista (02/05/2025). Entrevista concedida a Rebeca Oliveira da Silva Lima, na residência da entrevistada.

GLÓRIA, Entrevista (16/04/2025). Entrevista concedida a Sabrina Maria da Silva Novaes, na residência da entrevistada.

MARIA IZABEL, Entrevista (30/04/2025). Entrevista concedida a Sabrina Maria da Silva Novaes, na residência da entrevistada.

SEBASTIANA, Entrevista (11/04/2025). Entrevista concedida a Sabrina Maria da Silva Novaes, na residência da entrevistada.

## SITES

<https://escolagetuliovargasgbi.blogspot.com/>

<https://ancestors.familysearch.org>

<https://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guanambi>

[https://satellites.pro/Guanambi\\_map.Brazil](https://satellites.pro/Guanambi_map.Brazil).

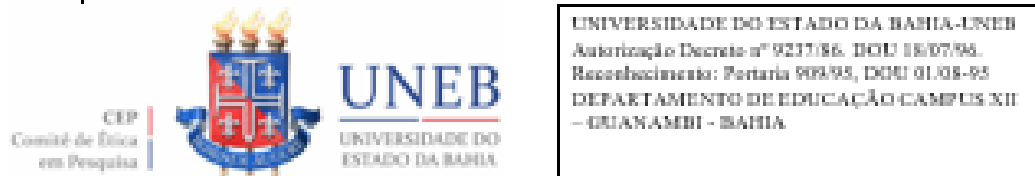
[https://www.guanambi.ba.gov.br/noticias/escola\\_municipal\\_getulio\\_vargas\\_agora\\_funciona\\_no\\_antigo\\_predio\\_da\\_escola\\_idalice\\_nunes-24090](https://www.guanambi.ba.gov.br/noticias/escola_municipal_getulio_vargas_agora_funciona_no_antigo_predio_da_escola_idalice_nunes-24090).

<https://mudes.org.br/linha-do-tempo/1971-projeto-rondon-iii/>

<https://www.leilaodeartebrasileira.com.br/peca.asp?ID=983490>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

#### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Identificação fictícia do participante por grupo: \_\_\_\_\_

Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade rec: \_\_\_\_\_

Complementos: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DE PESQUISA:

**A HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA DÉCADA DE 1970**

#### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Prezado(a) entrevistado(a), você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa:

“A HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA DÉCADA DE 1970”, vinculado ao projeto guarda-chuva Memória, História, Práticas Educativas e Culturais na Região do Alto Sertão Baiano, da pesquisadora Joseni Pereira Meira Reis, professora do curso de Pedagogia do Departamento de Educação – Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral a questão: Como se deu o processo histórico da alfabetização na Escola Getúlio Vargas no município de Guanambi-BA no ano 1970, e o que a memória dos sujeitos envolvidos nesse processo nos revelam sobre a alfabetização?



1. Envolvimento dos participantes na pesquisa: Caso você aceite participar deste estudo, será convidado a responder, a uma entrevista semiestruturada por meio da qual serão narradas suas memórias, histórias, práticas educativas e culturais relacionadas com o tema da nossa investigação. Caso queira, você poderá, a qualquer momento, desistir de participar deste estudo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pela pesquisadora e, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Você receberá uma cópia deste termo no qual consta o contato da pesquisadora.

2. Procedimentos metodológicos: A geração de dados consistirá por meio da realização de entrevista semiestruturada com narrativas.

3. Riscos e desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Pela natureza da pesquisa, possíveis riscos da pesquisa e ações para minimizá-los, pelo fato dessa pesquisa envolver seres humanos, os riscos são uma possibilidade, mesmo que mínimos, como, por exemplo, o constrangimento em comentar sobre sua prática profissional, ou dificuldades, rememorar práticas, enfim, são algumas questões que podem reverberar nos participantes ao responder a entrevista; possível desconforto ao dispor de um tempo para participar da pesquisa, considerando que todos têm uma vida profissional corrida.



Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais conforme Resolução CNS nº 466/ 2012 e Resolução CNS nº. 510/2016. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

4. Confidencialidade: Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, não será identificada. Desta forma, sua imagem será preservada. No texto final serão utilizados nomes fictícios, sem identificação dos participantes, e apenas trechos da entrevista. Os resultados deste estudo comporão relatórios parciais e final da pesquisa e poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos acadêmicos.

5. Benefícios: A realização desta pesquisa trará contribuições significativas para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que terá como foco a Escola Getúlio Vargas. Este estudo será de grande importância tanto para a comunidade escolar, ao possibilitar reflexões sobre sua realidade, quanto para futuras pesquisas na área da educação, servindo como base para novo estudo.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre e esclarecida para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem. No entanto, se ainda tiver dúvida a respeito da sua participação na pesquisa, não assine esse documento.

#### IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS PESQUISADORA RESPONSÁVEL:

Endereço: Praça Castro Alves 60, Bela Vista Telefone:

(77) 99193-3555 E-mail: [jpreis@uneb.br](mailto:jpreis@uneb.br)

Atualizado em 25/03/24

## V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido(a) pela pesquisadora sobre os objetivos e os benefícios da minha participação na pesquisa intitulada, e de ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar deste estudo. “HISTÓRIA É O ESPELHO QUE REFLETE A MEMÓRIA: ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA GETÚLIO VARGAS NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA NA DÉCADA DE 1970”

Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que não haja a identificação do meu nome. Assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada à pesquisadora e outra a mim.

Guanambi/BA, .../.../2025.

---

Assinatura do(a) participante da pesquisa

---

Assinatura da entrevistadora da pesquisa – matrícula 152010058

---

Assinatura da entrevistadora da pesquisa – matrícula 152010233

---

Assinatura da professora responsável pela pesquisa

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Entrevistada:** Professora da Escola Getúlio Vargas na década de 1970;

**Entrevistadores:** Sabrina Maria da Silva Novaes e Rebeca Oliveira da Silva Lima

**Data da Entrevista:** ...../...../.....

**Local:** .....

**Objetivo:** Coletar informações sobre memória e história da alfabetização na escola Getúlio Vargas no município de Guanambi-BA, na década 70, com base na experiência da professora.

#### 1. MOMENTO

- Antes de começarmos, poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória na educação?
- Em quais anos você trabalhou na Escola Getúlio Vargas e quais disciplinas lecionava?
- Como era o ambiente escolar e a estrutura da escola nesse período?
- A senhora recorda quais foram os desafios no processo de implantação e funcionamento do grupo escolar? quando foi construído? como foi o processo?

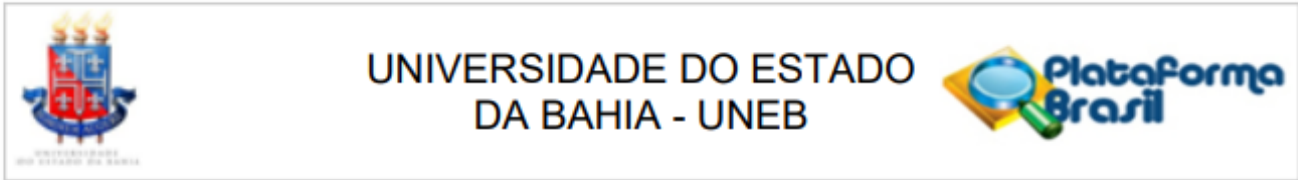
#### 2. MOMENTO SOBRE O TEMA DO TCC

##### Práticas Pedagógicas

- Poderia nos contar sobre sua trajetória como professora e, especificamente, seu período de atuação na Escola Getúlio Vargas? Processo de Alfabetização na Época?
- Como era o processo de alfabetização na Escola Getúlio Vargas durante o período em que atuou? Quais métodos e materiais (como cartilhas, jogos, práticas específicas) eram utilizados para ensinar a leitura e a escrita?
- Havia alguma metodologia diferenciada ou inovadora que você considerava eficaz naquele contexto?
- Quais foram os maiores desafios enfrentados durante o processo de alfabetização na escola?

- Como você percebeu a receptividade dos alunos às práticas de alfabetização?
- Há alguma lembrança marcante de como o processo de alfabetização que marcou os alunos, tanto em termos de aprendizado quanto de desenvolvimento pessoal?
- De que forma os demais membros da comunidade escolar (outros professores, diretores, familiares) colaboravam ou influenciavam o processo de alfabetização?
- Quais lembranças mais significativas você guarda desse período?
- Na sua opinião, de que maneira a experiência vivida na Escola Getúlio Vargas contribuiu para o desenvolvimento da alfabetização e da educação na comunidade local?
- Alguma outra informação ou experiência que você gostaria de compartilhar sobre sua vivência na escola?

## APÊNDICE C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Memória, História, Práticas Educativas e Culturais na Região do Alto Sertão Baiano

**Pesquisador:** JOSENI PEREIRA MEIRA REIS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 78452524.3.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.752.110



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 6.752.110

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2309718.pdf	25/03/2024 15:21:00		Aceito
Outros	COLETADE DADOS.pdf	25/03/2024 15:19:54	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	TERMO_CONCESSAO.pdf	25/03/2024 15:16:45	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/03/2024 15:15:17	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	25/03/2024 15:14:53	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de concordância	DESENVOLVIMENTO_PESQUISA.pdf	25/03/2024 15:13:38	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSO.pdf	25/03/2024 15:13:05	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_COPARTICIPANTE.pdf	25/03/2024 15:12:21	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAODAINSTITUICAO.pdf	25/03/2024 15:10:24	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/03/2024 15:06:32	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCOMPLETO_MEMORIA.pdf	25/03/2024 15:06:06	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	25/03/2024 15:05:30	JOSENI PEREIRA MEIRA REIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 09 de Abril de 2024

Assinado por:  
Aderval Nascimento Brito  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,  
Bairro: Água de Meninos - site [www.cep.uneb.br](http://www.cep.uneb.br) CEP: 40.460-120  
UF: BA Município: SALVADOR  
Telefone: (71)3612-1330 Fax: (71)3612-1300 E-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)/[www.cep.uneb.br](http://www.cep.uneb.br)